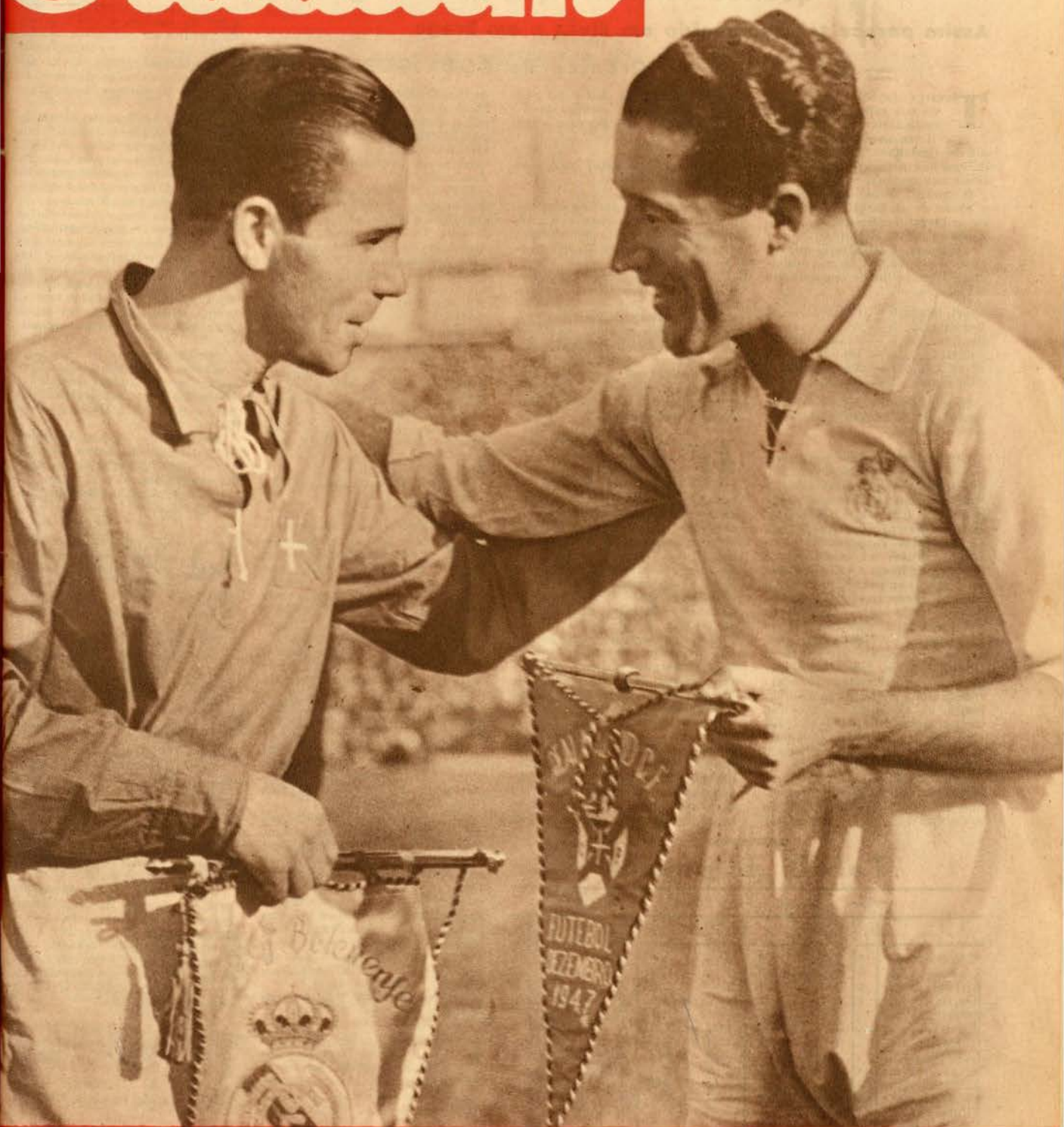


Stadium

O BELENENSES EM MADRID

Vai ser inaugurado o formidável Estádio de Chamartín. O cerimonial da troca de galhardetes. Amaro e Ipiña, dois grandes nomes do futebol da Península



N.º 263

17 DE DEZEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

A sorte favorece os campeões

quando estes não jogam para ganhar

Assim parece ter acontecido em Elvas e em Braga

Crónica de RODRIGUES TELES

Tavares da Silva, por causa da sua saltada a Madrid, onde assistiu à derrota do Belenenses no novo Estádio de Castellana, ex-Chamartin, deixou-nos o encargo de o substituir esta semana.

O nosso querido companheiro e chefe da Redacção falará com os leitores noutro lugar, revelando coisas de Espanha...

Contemos, portanto, o que se passou por cá, dando os resultados e fazendo-lhe os comentários merecidos.

Sport. Braga 0 — Porto 3
Boavista.... 5 — Atlético 2
Benfica..... 5 — Académica... 0
Estoril..... 6 — Vitória G.... 2
Elvas 1 — Sporting ... 2
Olanhenses. 1 — Lusitano ... 1

Não jogaram, como se sabe, as equipas do Belenenses e do Vitória de Setúbal.

Ora, principiando a nossa crítica aos jogos, de Norte ao Sul, de Braga a Olhão, sem olhar à sua importância, diremos desde já que o F. C. Porto e o Sporting, ambos em ambiente estranho, não se deixaram surpreender pelos seus valiosos adversários: — o Sporting de Braga e o Elvas. Todas as outras equipas ganharam em casa, à excepção do Olanhense, que não pôde fugir a um empate.

Tudo estava mais ou menos previsto, na maré das suposições, evidentemente. Os mais feias a tabelas, porém, talvez não esperassem que o Lusitano fosse arrancar um empate ao campo olhanense, ou ainda que o Sporting tivesse tantas dificuldades em Elvas. Mas o F. C. P. deveria possuir equipas capazes de ganhar em Braga — como de facto teve; as vitórias do Benfica e do Estoril, esta com outra dificuldade, também estavam no orçamento. Como a do Boavista, que sabemos ter

equipa difícil de bater no seu campo do Bessa, embora lá tivesse perdido por 3-0 com o seu campeão.

Para domingo estão marcados os seguintes desafios:

Estoril-Elvas; Sporting-Boavista; Atlético-Olanhense; Lusitano-Braga; F. C. Porto-Belenenses; Vitória (S.)-Benfica e Vitória (G.)-Académica.

Temos aqui alguns jogos de extraordinária importância para a classificação. Mas sobre todos — o F. C. Porto-Belenenses, no campo da Constituição, do Porto. Os asus de Belém costumam «fazer melhor» no Porto que em Lisboa. Veremos o que se passa domingo, e igualmente se os campeões nortenhos tem de facto equipa de «fundo».

BRAGA viu-se no último domingo invadida por centenas de portuenses que acompanharam com muito entusiasmo o seu campeão, utilizando autocarros, automóveis e combóios. Com isto ganhou por certo o comércio da linda capital do Minho, embora perdesse o Sporting, tão decidido e fiel foi o apoio prestado aos visitantes.

O Sporting de Braga, sabendo que teria de lutar contra bom adversário, reuniu todas as suas forças e conseguiu chegar ao fim dos primeiros 45 minutos empatado. Conseguiu, mesmo, dar que fazer ao trio da defesa portuense, bloco unido e hoje muito difícil de transpor.

Já no segundo tempo, falou o saber mais apurado dos visitantes. Correia Dias deu princípio às hostilidades, ensaiando remate da sua marca. Salvador não pôde seguir um deles, e Catolino fez o primeiro ponto. Perdeu o team bracarense uma chance pouco

depois. O árbitro lisboeta Oliveira Machado, que tem muita simpatia pelas grandes penalidades, castigou Barrigana sem exito, pois Daniel atirou com a bola ao poste. Queimou-se a última esperança dos locais.

O F. C. Porto apressou o andamento, em procura de tentos, para descanso, e o internacional Araújo, que ainda não teve jogo nenhum em branco, neste campeonato, marcou um segundo ponto de modo que impressionou; e Victor Guilhar fez o resto, perante o entusiasmo de milhares de aficionados que surpreenderam a pacata cidade com os incitamentos ao seu clube favorito.

Os grupos:
Braga — Salvador, Palmeira, Sobral, Veloso, Daniel, Joaquim, Cassiano, Eliot, Marques, Diamantino e Frederico.

Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Gastão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Freitas e Catolino.

Árbitro — Oliveira Machado (Lisboa).

O Boavista entrou com certeza no seu campo disposto a destruir os efeitos do mau resultado que 8 dias antes fôra buscar ao Algarve. Mas se nos lembrarmos agora que o Lusitano também «pregou» uma partida, mesmo fora de casa, ao Olanhense, depois de já haver empatado com o Estoril, talvez não haja grande motivo para julgar mal o segundo do Porto.

E esta vitória contra o Atlético, que só tem 2 pontos mas possui boa equipa, por expressiva e de certo modo justificada pelo exemplar jogo do seu ataque, ajuda a supor que o Boavista deve precisar apenas de audácia quando está no terreno do adversário.

Os lisboetas de Alcântara, entretanto, não entraram neste campeonato com o pé direito. A sorte já os abandonou por mais de uma vez. No domingo, segundo as críticas, mesmo quando o Boavista ganhou já por 4-0, não deixou de responder com animo a todas as ofensivas. A marcação de dois tentos seguidos ainda deu esperanças à sua equipa — mas os portuenses reagiram e passaram para 5-2 na melhor altura.

Arbitrou José Teixeira, de Braga.

Os grupos:
Boavista — Santiago, Raimundo, Silva, Garcia, Serafim, Ramos, António Caiado, Armando, Passos, Fernando, Caiado e Barros.
Atlético — Ernesto, Baptista, Armindo, Branco, Pereira, Moraes, Martinho, Armando Carneiro, Vital, Guedes e Caninhas.

Não era de calcular que a Académica fizesse surpresa aos assistentes ao jogo no Campo do Benfica. O conjunto coimbrão, com muita gente nova e pouco experiente, embora alguns dos seus rapazes possam progredir, não deve estar ainda preparado para provas de grande vulto. Pelo menos no seio de adversários como o Benfica.

Viu-se, entretanto, que os estudantes também perderam ocasiões de marcar, e que a defesa do Benfica se perturbou muitas vezes quando o internacional Bentes, fazendo tudo, levou até perto das suas redes algumas bolas para os colegas desperdiçarem.

A equipa benfiquista, depois de chegar a 3-0, é bem verdade, deixou-se andar ao sabor do jogo, trocando o remate pela exibição. Depois, já na segunda parte, os encarnados suportaram bons períodos de jogo académico — para reagirem no fim, anulando todas as ideias que tivessem nascido no espírito otimista dos adversários.

Claro que o Benfica não se deixou nunca colocar em situação de inferioridade. E não teve de servir-se por certo de todas as suas forças, pois o team vale muito mais como a seu tempo demonstrará.

Alinharam:
Benfica — Rogério, Jacinto, Cerqueira e Fernandes; Moreira e Francisco Ferreira; Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Corona e Baptista.

Académica — Prates, Aristides, Diogo, Eduardo Santos, Azeredo, Brás, Nelo, Alberto Cruz, Atax, Nana e Bentes.

Árbitro, Canha Pinto (de Setúbal).

Quando uma equipa, no momento nevrálgico do jogo, fica reduzida a 9 elementos — de mais a mais tendo pela frente um outro grupo de boa força, pode aceitar-se o seu afundamento.

Foi o caso do Vitória de Guimarães. Enquanto lutou de igual para igual, onze contra onze, não conseguiu o Estoril grande vantagem. Foi até 3-2, e ao intervalo perdia por 2-1. Mas Alexandre abandonou o campo, lesionado, e Luciano recebeu ordem de expulsão. E contra isto...

Pode no entanto admitir-se que os estorilistas viessem a ganhar o desafio. Na altura em que os vimaranenses entravam em crise já o seu jogo padecia de certos males, que é como quem diz: — já o grupo da casa tinha balanço próprio e nervos suficientes para dirigir as operações.

O jogo teve alguma sabor no primeiro tempo. A própria vantagem dos visitantes, embora escassa, serviu de atractivo e fez compreender aos visitados que deveria jogar cautelosamente. O abandono forçado dos elementos acima referidos — terminou com as dificuldades.

As equipas:
Estoril — Laranjeiro; Pereira, Elói, Cassiano, Nunes, Alberlo, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Vitória de Guimarães — Machado, Garcia, Ferreira, Luciano,

Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.
F. C. Porto....	4	2	—	—	11-3	2	—	—	6-0	4	—	—	17-3	8
Sporting.....	4	2	—	—	6-3	2	—	—	6-2	4	—	—	12-5	8
Belenenses....	4	1	—	—	4-1	2	—	—	5-0	3	—	—	9-1	6
Benfica.....	4	2	—	—	11-1	—	1	1	3-6	2	1	1	14-7	5
Estoril.....	4	2	—	—	11-6	—	1	1	2-4	2	1	1	13-10	5
Boavista.....	4	1	—	1	5-5	1	—	1	2-2	2	—	2	7-7	4
Olanhense....	4	1	1	—	2-1	—	1	1	6-10	1	2	1	8-11	4
Lusitano.....	4	1	1	—	3-1	—	1	1	1-8	1	2	1	4-9	4
Braga.....	4	1	—	1	2-4	—	1	1	2-7	1	1	2	4-11	3
Atlético.....	4	1	—	1	6-6	—	—	2	6-1 ^o	1	—	3	12-16	2
Elvas.....	4	1	—	1	8-2	1	—	2	2-9	1	—	3	10-11	2
Vitória (S)....	4	—	1	1	1-3	—	—	1	0-1	—	1	2	1-4	1
Vitória (G)....	4	—	1	1	2-3	—	—	2	4-9	—	1	3	6-12	1
Académica....	4	—	1	1	3-7	—	—	2	1-7	—	1	3	4-14	1

Causas? — Falta de remate, a lei da Sorte a arbitragem de Escartin, e o estado da relva!

Amaro e Quaresma, os dois gigantes dominando os pigmeus...

Crónica de TAVARES DA SILVA

MADRID, 15 — O Belenenses colocou-se muito bem vindo à capital espanhola como veio, no traço de generosidade e solidariedade desportiva que guia os seus passos. Por esta sua acção ganhou ou aumentou o seu prestígio na Península, e o Real Madrid que reconheceu o facto na hora presente — deverá confirmá-lo no futuro, e comportar-se como mandam as boas normas.

Certamente — cada povo tem as suas normas e os seus hábitos. Quanto mais vimos ao estrangeiro — mais gostamos do nosso país, e mais apreciamos o carácter, a lisura e a maneira de receber e tratar da gente portuguesa. Mas não há dúvida que um grande carinho envolveu a equipa de Belém nesta sua deslocação a Madrid.

E para tal contribuiu poderosamente seria injusto negá-lo! — a forma de proceder dos seus dirigentes (se os jogadores honraram no retângulo da luta o desporto, os dirigentes fizeram o mesmo no seu campo de actividade!) Todos os directores, mas principalmente o sr. dr. Octávio de Brito, num aprumo e num trato inexecutáveis de correcção, diplomacia e desportivismo, colocaram o Belenenses num plano muito alto. Falando na Emissora de Espanha, no banquete oficial ou assistindo à missa de benção do Novo Estádio de Chamartin, o presidente do Belenenses foi um dirigente à altura do momento. Acácio Rosa e os seus colegas acompanharam-no bem.

Escrevemos ainda sentindo a impressão em carne viva de um resultado que não corresponde à verdade do futebol e dos factos. Foi pena que tal tivesse sucedido! Porque, caso contrário, teríamos escrito uma das páginas mais belas de todos os tempos. Mas a Sorte não o quiz. Seria superior às nossas forças sofrerem em silêncio. E' preciso dizer bem alto que, devidamente acauteladas as deslocações, podemos vir a Espanha na certeza de sair do campo de rosto erguido e coração alto. Exigindo, no entanto, arbitragens neutras.

A impressão foi verdadeiramente desoladora para os espanhóis! Eles venceram — mas nós fomos os triunfadores. Por vezes, não ganha quem marca mais golos — mas sim quem pratica melhor futebol.

Para alguma coisa serve jogar bem! E o público espanhol sentiu tão profundamente a diferença de nível entre as duas equipas — que nem soube ser justo. Ficou colado, estético, insensível ao golo português, e na mesma postura quando os rapazes de Be-

lem descreviam alguns trechos tendo por baixo a assinatura de verdadeiros mestres.

Os adeptos sentiram a máguia proveniente da superioridade portuguesa, e impeliram o árbitro para o mau caminho.

Quanto mais recordamos o jogo e melhor analisamos a arbitragem — mais motivos de censura encontramos. Dir-se-ia que a orientação do juiz foi doseada — conforme o resultado e a evolução da partida. Ainda a meio-campo — tudo correu mais ou menos bem, com a folga própria do futebol associação. Mas no risco da grande área — fomos punidos muitas vezes, e ainda e agora perguntámos aos nossos bolões, porquê?

— Porque não podíamos ganhar, embora fôssemos superiores. E a nossa superioridade resultou precisamente da disciplina e harmonia do conjunto, em luta contra onze individualidades. De um lado — um quadro moderno do jogo. Do outro — um *team* nas melhores praxes que, desejando evolucionar, não o conseguiu ainda...

O Belenenses colocou em plena inauguração de Chamartin, o qual esteve até sábado, pelas 15 e 30, para não se verificar, por a vislumbria assim o entender! — um espelho enorme para todos verem os nossos progressos, posto que revelasse exageradamente um dos grandes defeitos lusitanos — a falta de remate. Digam o que disserem, os espanhóis compreendem que já não se pode jogar como ainda jogam — atrasados uma dezena de anos...

Não foi apenas o mérito da boa lição do sistema da marcação que os portugueses puzeram no retângulo, mas ainda o seu esforço — admirável esforço! — de boa execução e de articulação de movimentos, ao ponto de não haver defesas, médios e avançados, mas só jogadores capazes de fazer qualquer logar e de desempenhar todas as funções. Os Belenenses traçaram futebol rasteiro e preciso, jogando magnificamente até à área da verdade — para depois se perderem... Claramente, nem todos jogaram bem; um ou dois actuaram, mesmo, manifestamente mal, mas e que pretendemos agora é dar uma ideia do conjunto, e o bem é muito superior ao mal.

Estamos a ver uma objecção. Poder-se-á argumentar que, apenas da sua inferioridade tática, e

mesmo do seu carácter individual, os espanhóis atacaram algumas vezes, e com perigo, visto a linguagem dos golos ser eloquente e expressiva. Ninguém lhes tira o valor do remate, e decerto eles não têm culpa que — os belenenses da frente teimassem em não fazer golos. Teimosia pura! O que impressionou e feriu a sensibilidade do público — foi a diferença do nível futebolístico entre os dois grupos.

Lutámos contra a arbitragem — talvez fosse peor se os jogadores portugueses não tivessem protestado contra as injustiças! — e haveremos-nos com um relvado de inferior qualidade, escorregadio e pouco uniforme, constituindo um *handi-cap* sério para quem pretende fazer futebol de precisão e de qualidade.

Os espanhóis entraram com fúria, mas esta apagou-se depressa. Era uma fúria de trazer por casa... Depois — seguiu-se a fórmula do equilíbrio quebrada em dois momentos, no trecho do golo inválido de Pereira Duarte — quando o resultado era de 1-1! — e num período relativamente largo da 2.^a parte. Os espanhóis sentiram perfeitamente nesses instantes de tremenda crise — a asa negra do desastre esvoaçar por cima das suas cabeças.

Como sempre — o mau remate salvou-os, e, eles, que estavam à beira do naufrágio, conseguiram não se deixar afundar e tocar a meta vitoriosamente...

Em tudo quanto se passou em campo — fez-se notar a influência de Amaro. Ele foi o gigante, e os outros pigmeus. Ao pé dele, do seu jogo admirável de pericia, acção e oportunidade — os que sabiam jogar, deixaram de saber, como que confundidos e envergonhados.

Scopelli dera-lhe desta vez uma acção diferente no que toca à posição no terreno — mas no fundo idêntica à habitual. Esta transformação de Amaro no médio-volante, tapando todas as brechas da defesa e orientando todos os ataques, em qualquer sector dos sectores, produziu os melhores frutos. Tivemos a oportunidade de ver um Amaro — desafiando os anos, amachucar os seus detractores. Ser grande e dominador, numa palavra.

Mas então a quem foi confiada a tarefa específica que competia a Amaro? eis o que ocorre perguntar... E aqui está a curiosidade.

Quaresma, recuado, teve de eliminar um adversário e de transportar quase todo o jogo de defesa para o ataque. E Quaresma deu uma lição de futebol de qualidade, e quase escrevemos de bom gosto...

Nestes pilares — assentou a acção belenense. Bases sólidas — de ferro e cimento. Toda a defesa correspondeu (defesa que soube transformar-se em ataque), nada havendo a dizer, se não em detalhe, de Sérgio, Vasco, Feliciano, Figueiredo e Serafim.

Já na frente — Narciso sofreu a influência do ambiente, perdendo por completo a noção de tudo. Pereira Duarte reagiu. Teixeira da Silva pouco fez. Manuel Rocha desempenhou bom papel, e o seu substituto (Nunes) não melhorou o conjunto.

Os espanhóis tiveram em Clemente e no velho Ipiña — um executante primoroso na arte do passe — os seus melhores elementos. Na frente, cada qual jogou a seu gosto — e por vezes bem. O *team* filiou-se no jogo de posição, mas esqueceu-se de pagar a cota de filiação... e a marcação ainda não lhe abriu as suas portas, e tão cedo certamente não as abrirá!

Nesta corrida que se vem travando em todo o Mundo no caminho das Tácticas — a Espanha segue muito atrasada, e por mais esforços que faça (contratando um treinador inglês para o A. de Bilbao e outro para o Real Madrid!) dificilmente agarrará os que já seguem lançados...

O desafio da inauguração de Chamartin deu-nos a alegria de vermos uma equipa portuguesa dominar uma espanhola, e a tristeza do seu resultado com que não há meio de nos conformarmos. Como o desafio decorreu — devíamos ter ganho. Mas assim não o quiz a lei da Sorte, o árbitro Pedro Escartin e a irregularidade da relva.

Real Madrid — Calleja; Clemente e Corona; Pont (depois Ortiz), Ipiña e Huete; Alau, Alonso, Barinaga, Molouny e Vidal.

Belenenses — Sérgio; Vasco e Feliciano; Amaro, Figueiredo e Serafim; Manuel Rocha (a meio da 2.^a parte, Nunes), Quaresma, Teixeira da Silva, Pereira Duarte e Narciso.

Marcadores — Do Real Madrid: Barinaga (o 1.^o e o 2.^o) e Alonso (o 3.^o). Do Belenenses: Teixeira da Silva. Ao intervalo — 1 a 1.

O número do n/telef. é: 3 1187



A equipa do Belenenses com o seu treinador Scopelli



A equipa do Real Madrid

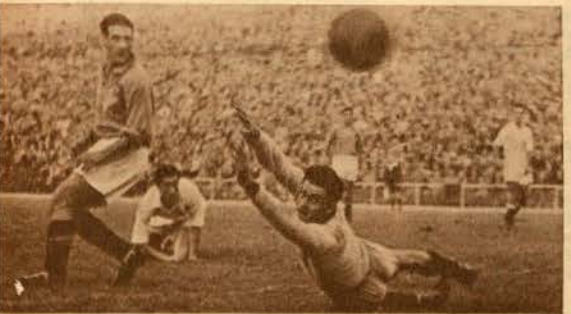
O BELENENSES merecia outro resultado em Madrid



Narciso, extremo esquerdo belenense, em luta com Pont, o médio castelhano



E o Belenenses vai marcar a bola portuguesa. Manuel Roeha apodera-se dela, passa a Teixeira da Silva e este atira para as redes desertas



O 1.º golo marcado por Barinaga, de cabeça, com rapidez. Sêrio é irremediavelmente batido



Um magnifico salto de Vasco, aliviando o seu campo. Barinaga não chegou a tempo de intervir



A bola chutada por Pereira Duarte entrou nas balizas. Foi um golo limpo e puro (o 2.º), mas o árbitro entendeu por bem anular o ponto



O 2.º do Real Madrid. A bola foi rematada rapidamente, mas ninguém conseguiu evitar que entrasse nas redes. Veja-se o rosto, ansioso e carregado, de Feliciano, Amaro e Figueiredo

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

IX — O salto em altura (Continuação)



Luis Aguiar, vencedor no encontro Lisboa-Madrid universitário é levado em triunfo pelos companheiros

A época de 1931 não trouxe o mínimo progresso à modalidade, pois foi de apenas 1^m.70 o melhor resultado da temporada. O veterano Pascoal de Almeida transpôs essa altura no «Dia da Associação», o mesmo sucedendo com o campeão do Porto, Adolfo Brito.

O sportingista Luis Aguiar (1^m.67 de estatura) foi o saltador mais regular da época, vencendo os concursos da Taça Serra e Moura com 1^m.67, do regional com 1^m.65, do Porto-Lisboa com 1^m.69, ficando segundo no «Dia da Associação» com 1^m.66 e na Figueira da Foz com 1^m.63.

O campeonato nacional foi ganho um tanto inesperadamente por Castro Cabrita, ao tempo no Académico do Porto, com 1^m.65, altura que também foi atingida no campeonato de juniores por um novo que veio a ter uma das mais gloriosas e ecléticas carreiras do atletismo português: Alvaro Martins Vieira.

Nos nove concursos de 1932 registaram-se cinco vencedores: Cristovão Cardoso, nas Escolas Secundárias, com 1^m.53; Martins Vieira, nas Escolas Médias e Superiores, com 1^m.67; Guilherme de Vasconcelos no Regional de Juniores com 1^m.59, no Nacional da mesma categoria com 1^m.64 e na Taça Serra e Moura com 1^m.70, números que indicam regular progresso; António Rosado, no Nacional de Juniores, com 1^m.64; Finalmente Luis Aguiar, na Taça Serra e Moura e na Taça Macedo Chaves com 1^m.70, no Regional e no Porto-Lisboa com 1^m.69, no Nacional com 1^m.72, o melhor resultado da temporada.

No ano imediato, 1933, começa a assentar-se a renovação dos quadros; embora Pascoal de Almeida, o da eterna juventude, ressurja para ganhar o campeonato nacional com 1^m.73, são nomes de novos que se inserem na lista dos vencedores: no Porto, Tavares Junior, um janitor de facto; para 1^m.705; em Lisboa o estreante Costa Macedo, exibindo um rolamento que constitua novidade, transpõe 1^m.63 e Martins Vieira, em pleno auge, ganha o regional com 1^m.72 e o Porto-Lisboa com 1^m.75.

Chegamos a 1934, onde encon-

tramos uma competição que ficou gravada na memória de quantos a presenciaram: o encontro universitário Lisboa-Madrid.

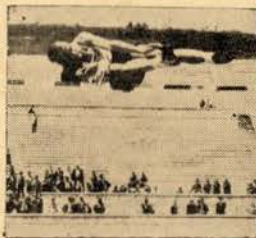
Com a barra a 1^m.70 apenas dois saltadores ficam em prova: Luis Aguiar e o madrilenho Raeda, bom estilista que figurava de favorito. Sobe para 1^m.725, o português passa ao primeiro ensaio e o espanhol no segundo, em 1^m.76 ambos são eliminados.

Como ao tempo ainda não estava em vigor o actual sistema de desempate (que daria imediata vitória a Aguiar), houve que recorrer a quarta tentativa, nala para os dois; novo daplo derrabe a 1^m.70 e, por fim, a 1^m.68, passagem de Aguiar, aplaudidíssimo. O espanhol, enervado, concentra-se demoradamente, tempo que a todos nós parecia infinito, lança-se em corrida e derraba o barra. Luis Aguiar, vencedor, foi levado em triunfo pelos camaradas da equipa.

Os outros saltadores mais em evidência durante a época foram: Martins Vieira, campeão nacional com 1^m.71 e das escolas Superiores com 1^m.70; Costa Macedo, campeão Regional e nacional de juniores com 1^m.74 e 1^m.70 e de Lisboa com 1^m.72, em igualdade com Luis Aguiar e vencedor do encontro Lisboa-Barcelona com 1^m.70.

Em 1935 foi novamente Martins Vieira o melhor saltador, vencendo o regional com 1^m.75, as Taças Serra e Moura e Cristovão Cardoso com 1^m.70 e, em Barcelona, a prova do match Lisboa-Catalanha com 1^m.65.

Na Associação Académica de Coimbra apareceram dois ra-



António Cardoso, um dos melhores saltadores portugueses

pezes com reais aptidões, mas que não persistiram: Rai Barata, campeão nacional de juniores com 1^m.70 e Ilídio Baptista, campeão conimbricense com 1^m.72.

Nos estreantes venceu um rapazito, todo energia, chamado Carlos Antero, de estatura mediana no ano seguinte se classificou entre os melhores.

Com efeito, durante 1936, foi campeão nacional de juniores com 1^m.70, regional de seniores com a mesma marca, vencedor no torneio do Belenenses com 1^m.66 o primeiro lugar no torneio da Taça com o seu nome e que foi a sua última competição.

O campeonato nacional, disputado no Porto sob constantes aguçeiros de inesperada vitória ao conimbricense Varzeo, com 1^m.70.

No ano de 1937 imperou uma vez mais Martins Vieira, decididamente o homem dos anos ímpares: estabeleceu o recorde universitário com 1^m.735, campeão de Lisboa com 1^m.69 e de Portugal com 1^m.74; venceu no torneio da Taça Garnel, com 1^m.72, em igualdade com Pais Romão, e nas Caldas da Rainha com 1^m.70.

Nos concursos do Porto desataca-se outro saltador de boa pinta, Alberto Canha, campeão regional com 1^m.70 e novo recordista regional com 1^m.75 alcançado no concurso em Viana do Castelo.

A assinalar a estrela, nos Jogos Nacionais do Estoril, de Guilherme Espírito Santo, saltador nato, vencedor com 1^m.665, apesar do estilo rudimentar que empregava.

Vamos agora, nestes dez anos que nos faltam para chegar à actualidade, acelerar as referências.

Em 1938, Martins Vieira melhorou de meio centímetro, 1^m.74, o seu recorde universitário e o vencedor do campeonato das Escolas Secundárias, Esteves, veio a ser campeão regional de juniores com 1^m.73.

No Nacional de Juniores, Guilherme Espírito Santo conseguia superar por meio centímetro (decididamente a tabela da época) o melhor recorde de estatura, que darão 23 anos; menos feliz no nacional de seniores, ficou em 1^m.75, o saliente para ganhar.

O portuense Alberto Canha, campeão regional com 1^m.76, melhorou, de novo em Viana do Castelo, o seu recorde para 1^m.77.

Em 1939 nada merece realce; para citar algum facto, apontemos a surpresa da derrota de Espírito Santo por Alberto Canha no campeonato nacional, com a marca de 1^m.75.

Em 1940, os proesas começaram cedo; no mesmo dia 16 de

Janho, dois novos bateram o recorde nacional de Espírito Santo. No Regional de Juniores do Porto, o bracarense Bastos Machado saltou 1^m.835 mas em Lisboa, em prova especial, outro junior, Pedro de Vasconcelos, transpôs 1^m.835. Como se verifica, a sabida do recorde nacional foi autêntico jogo de precisão, milímetro a milímetro.

No torneio de estreantes revelou-se outro valor: Matos Fernandes, que bate o máximo da categoria com 1^m.70, depois o dos principiantes com 1^m.73, sendo ainda campeão de juniores com 1^m.80.

No campeonato nacional, na pista do Lima, Espírito Santo



Guilherme Espírito Santo, no concurso do Estoril, onde conquistou a sua primeira vitória

decidia-se a recuperar o seu bem e elevou o recorde para 1^m.80. Como se ainda fosse pouco, no declinar da época que foi a melhor para o salto em altura português, em 25 de Agosto, no encontro Benfica — S E U de Madrid, Espírito Santo, em competição com o espanhol Pons, conseguia vencer 1^m.88, que é ainda ao presente a marca nacional. O espanhol passou 1^m.81 e Matos Fernandes 1^m.79.

O melhor saltador de 1941 foi um jogador de futebol: António Marques, da categoria de honra do Académico portuense, saltou 1^m.75 no campeonato nacional. Tratava-se de outro saltador nato, com excelente abastecimento, mas com escassos conhecimentos técnicos.

O bracarense Bastos Machado, no encontro Porto Lisboa, passou 1^m.71; em mais treze concursos disputados durante a temporada, os melhores vencedores: Fernando Guerra, Alberto Canha, Matos Fernandes e Plácido, ficaram em 1^m.70.

Salazar Carreira

(Continua na página 12)

NOTAS À MARGEM

do Campeonato Mundial de Oquei

IX — Sete equipas em conjunto

FEITA a apreciação, isoladamente, de cada uma das sete equipas que tomaram parte no torneio internacional, disputado no Pavilhão dos Desportos, ali no Parque Eduardo VII, analisemos, agora, em síntese, a acção conjunta das turmas participantes da competição.

Já se disse que o triunfo conquistado pelo grapo lusitano — o de maior força física e mais preparação técnica — foi de todo o ponto meritório. Mas não é ocioso repeti-lo... Ao menos para que nem sequer restem dúvidas acerca de sua justiça e merecimento absoluto.

Há, todavia, a considerar a valia técnica de outras equipas, mormente as da Itália, Inglaterra e Espanha — esta última com estreia auspiciosíssima.

Ponha-se de parte, portanto, o grapo de Portugal — cuja superioridade manifesta não deixou dúvidas a ninguém! — para estabelecer uns «planos de avaliação» entre as turmas restantes; e, destarte, aligora-se-nos possível estabelecer paralelo, quanto a plano secundário, entre as equipas da Espanha (3.º lugar), Itália (4.º) e Inglaterra (5.º), posto que a Bélgica (2.º) — com a grande beneficência da primeira derrota «oficial» imposta aos britânicos — fica, mas somente, talvez, em nossa opinião, num plano imediatamente inferior.

E a França e a Suíça, por ordem natural, tinham de, totalmente, ser das últimas... Tão grande foi a diferença verificada — muito embora os gauleses pudessem atar-se de um triunfo «populoso» sobre os italianos! Para tão esse resultado (1-0) contribuía enormemente o incitamento deste bom quadro infantil público português.

Abstraindo Portugal — sem um erro sequer! — cujo comportamento teve consagração justa, a equipa que se nos aligora mais bem apetrechada, em valia técnica do jogo, foi a da Itália. Tudo certo e tudo bem — mas três derrotas irremediáveis; e todas elas por um simplicíssimo golo! Contra Portugal (2-3), Espanha (3-4) e França (0-1). No entanto, os italianos, ganhando à Bélgica e à Inglaterra, a ambos por 4-3, puderam, ainda assim, redimir-se.

A turma azurra pecca somente por não ter avançados (Poser e Torre fizeram apenas de «ligaristas») à altura do resto da equipa — porquanto os veteranos Grassi e Kalmann chegaram para as encomendas e Cergol e Bellini não desalinaram. Vejamos, como simples amostras, os resultados — embora a turma fosse das poucas (simplesmente com Portugal e Bélgica) a ote-

reer, no quadro geral, margem de golos favorável: 20-16.

Diga-se, entretanto, que a estreia da Itália «enebria» a crítica e «entonteece» a assistência — com os seus 7-2 à Suíça; mas, depois, não corresponde...

Já o mesmo se não pôde dizer do comportamento da Espanha. Foi em tudo excelente. É mais do que seria lícito esperar-se de uma equipa estreante — que apenas um mês antes havia tomado parte no torneio de Montreux e se classificou em quarto lugar entre sete. Mas os triunfos sobre a Bélgica (5-2) e a Itália (4-3) constituiram «aviso»; como o foi a derrota sofrida da Inglaterra (3-4).

Em Lisboa, os espanhóis voltaram a ganhar aos italianos — pelos mesmos 4-3 — e empataram com os belgas (1-1); deram que fazer a Portugal (1-2) e contra a Inglaterra (2-3) a equipa voltou a dar boa conta de si. Nadal, depois do nosso Cipriano, foi o melhor «keeper» que apareceu no Pavilhão dos Desportos; e Serra um dos melhores médios.

A Inglaterra — por três laceras primordiais: sua classe aparte, sua desventura, e, também, descrença na confirmação do título que mantinha, sem derrota, desde 1926 — merece louvores pelo desportivismo que manifestou. Simplesmente admirável. Um campeão que assim perde, não é, não pode ser, um campeão destronado! Título a mais ou a menos — que importa?! A Grã-Bretanha, juntamente com Portugal, seu sacessor na lista de campeões do Mando de Oquei em patins, deu um exemplo dignificante e apreciado por quantos têm do desporto a verdadeira noção.

Mas os britânicos — que já um mês antes, em Montreux, haviam decepcionado e perdido o ceptro da invencibilidade — tinham de deixar ficar o título em Lisboa... Era fatal! Aparte Payton, Bedwell e Goodall, todos estão... fatigados — e a nação acabou de passar por uma dura prova! Walters, Halme e Newbury precisam de continuadores... E aquela primeira derrota (0-6) em

face da Bélgica, incitada e aplaudidíssima, foi realmente demolidora. O «resto» veio naturalisticamente — e era de esperar.

França e Suíça estavam desde princípio condenadas e sujeitas ao fracasso; os franceses, devastados pela tormenta que avassalou o Mundo, figuravam na qualidade de «recuperantes», mas sem firmeza, embora com vontade imensa. Isso, porém, não lhes bastou! A equipa — além de Comte — era jovem e inexperiente de mais. E, no que respeito aos helvéticos, não vimos mudança para melhor desde que o H. C. Montreux nos visitara... Quase os mesmos elementos — na maioria «gastos» — a darem a impressão de... companhia ambulante de patinadores em veraneio. Mas, desportistas até à medula, deram quanto puderam — apesar de sempre vencidos.

Deixámos proposadamente a Bélgica para o fim. Comportamento fora do normal (o melhor de sempre!) embora houvesse veteranos em três homens (Bogaerts — tipo exêntrico a equipar-se... — Cossuert e Van Hoff, um «sem cabelo» que ainda deu lições de energia aos novos). A vitória sobre os britânicos foi um «indicio»; mas o empate com a Espanha deu-lhes a garantia do segundo lugar, desde que Portugal, Inglaterra e Itália se deifrontavam por uma supremacia que, afinal, veio a caber aos lusitanos — enquanto os outros dois se prejudicavam mutuamente com vista a posições de segundo plano! A Bélgica foi, em suma, felicíssima na sua vinda a Lisboa.

No conjunto, as sete equipas, contadas as suas participações nos campeonatos mundiais e europeus e nos dois torneios internacionais de Montreux (o próximo será em Lisboa seguramente) creditam-se dos resultados gerais seguintes:

	J.	V.	E.	D.	Golos	P.
Inglaterra(*)	77	68	4	5	413-106	140
França	83	31	10	42	238-270	72
Itália	78	29	13	31	177-212	71
Portugal	88	32	5	21	476-123	69
Suíça	83	24	17	43	136-253	53
Bélgica	83	19	5	59	141-323	43
Espanha	12	6	1	5	34-50	13

(*) — Derrotas em 1947: no Torneio de Montreux (Abril) contra Itália (2-3) e Suíça (3-4); e neste campeonato, em Lisboa, contra Bélgica (0-6), Itália (5-4) e Portugal (0-3).

(**) — Apenas um torneio (Montreux) e outro campeonato (Lisboa) ambos no ano em curso.

Somente três nações (Bélgica, França e Suíça) disputaram os treze campeonatos e os dois torneios de Montreux. A Inglaterra não foi ao torneio de 1946 e a Itália faltou a dois campeonatos. Quanto a Portugal, com oito campeonatos, tem, a seu favor, o bom comportamento nos dois torneios de Montreux (2.º em 1946; 1.º em 1947) e os seis triunfos neste campeonato do Mando — pelo que a sua posição, como mais moderno entre os antigos, descontenta a estreia da Espanha, pode considerar-se das mais vantajosas.

Jorge Monteiro

NOTA — Consultar os números 236, 239, 240, 242, 244, 247 e 249 para compilação dos comentários acerca do campeonato mundial de oquei em patins.

A seguir: X — Os que não vieram...

COMPANHIA COLONIAL

DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

JOE LOUIS, perde o combate com JOE WALCOTT mas conquista a decisão dos juizes

O desafio durou quinze assaltos. Louis foi duas vezes derrubado, ao primeiro e ao quarto, manifestando-se decedente e apático

O combate de boxe entre o negro Joe Walcott e o mulato Joe Luis produziu uma das maiores reacções populares de que existe memória nos Estados-Unidos.

O público, caceado, que enche literalmente o recinto do Madison Square Garden, de Nova York, verificou, com os seus cinco sentidos, a decadência do famoso bombardeiro de bronxe e assistiu à execução descarada de um autêntico furto. Sim, porque ao cabo de uma hora de batalha entre o gato e o rato — batalha em que o rato ridicularizou e abateu o proverbial inimigo, por duas vezes — o júri, constituído por dois juizes «integérrimos» e um árbitro competente, atribuiu a derrota a Joe Walcott e roubou-lhe uma verdadeira fortuna pecuniária.

O campeão do Mundo de boxe, rapaz honestíssimo e de uma candura a toda a prova, foi o primeiro a reconhecer-se vencido: Mal havia soado o timbre do último episódio, Louis, tapou a cabeça com a toalha, vestiu o roupão e desceu os degraus do rectângulo, a caminho do vestiário. Foi preciso chamá-lo, antes que se embrenhasse no meio da turba, para lhe ser outorgada uma vitória imerecida.

A multidão rompeu logo num côro frenético de protestos e o pobes Louis, com as feições pisadas, sangrando do nariz e da boca, presenciou a mais violenta pateada da sua carreira.

A imprensa noviorquina, conquanto não esteja completamente de acordo, acolheu o resultado sem entusiasmo. Dos trinta e três jornalistas presentes à beira do ringue, uma vinte e na assegura que Walcott ganhou. O próprio árbitro, Ruby Goldstein, diz o mesmo e assinou o resultado na qualidade de vencido.

Joe Louis, quando pôde expressar a sua opinião, livremente, teve o desabafo seguinte: «Creio haver merecido o resultado mas estou muito aborrecido comigo mesmo. Fiz um combate detestável; já não sou o que fui outrora».

Para encontrar uma atenuante explicativa da sua incapacidade manifesta, Louis assegurou ter fracturado os ossos da mão direita, no decorrer do quinto assalto, mas as radiografias já revelaram qu' apenas luxou as articulações e que a ossatura está intacta.

Walcott, o pugilista veterano que subiu ao ringue sem sombra de medo, inspirado na felicidade e no futuro dos seus seis filhos, chorou de desespero quando ouviu a decisão. Sentiu o insucesso com uma advertência do Destino, já que a sorte lhe tem sido madrastra.

Ouvindo pela imprensa conservou grande dignidade mas as suas palavras saíram-lhe dos lábios traspessadas de amargura:

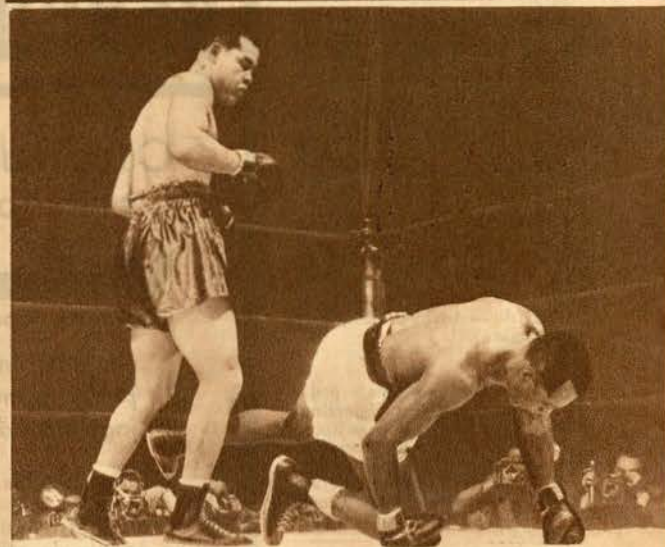
«Depois do primeiro assalto compreendi que a vitória não podia fugir-me. Joe Louis jamais me abalou com os seus golpes. Mantive-me na defensiva durante os dois assaltos derradeiros porque pensei ter superioridade de pontos e não quis arriscar-me a um knockout nos últimos instantes».

No dia seguinte, começou a cair sobre a mesa do Governador do Estado de Nova York, o temível Tomas Dewey, um chuveiro de correspondência. São as reclamações populares contra o resultado do «match» e que alguns magistrado transfere para o Coronel Eagan, presidente e ditador do pugilismo.

Joe Webster, orientador e representante de Walcott, apressentou igualmente o seu protesto contra o resultado do combate, basando-se na pontuação inscrita nos boletins dos juizes e confia que a decisão seja revista.

Entrantanto, com muita desportividade, Joe Louis concedeu desde já o direito de uma derrota ao seu rival. O combate deve realizar-se em Nova York, talvez no Estádio dos Yankees, onde se pratica o baseball todo o ano, e cuja capacidade regula por oitenta mil espectadores.

Até Junho, por consequência, haverá à superfície da terra dois campeões absolutos do jogo de boxe: Joe Louis, o campeão material, aquele que tem sobre a cabeça a coroa da realeza, e Jersey Joe Walcott, o campeão moral, a quem furtaram a vitória depois de laboriosamente obtida, mas que, aos olhos da opinião pública, é o verdadeiro titular do campeonato. — R. B.



Joe Walcott, durante o 15.º assalto, escorregou e caiu ao solo, erguendo-se acto continuo antes que o árbitro contasse o tempo. Louis mira-o de soslaio, à espera que ele se erga, para tentar puntá-lo em vão



Em cima: Aqui temos o famoso Joe Louis, com os fundilhos dos calções depositados na resina da lona do ringue, antes de concluído o 1.º assalto do combate. Em baixo: Se os relatos do combate Louis-Walcott, não bastassem para averiguar quem mereceu a vitória, tínhamos aqui o documento decisivo. As expressões, tanto do locutor, Harry Balogh, comprometido e constrangido ao arrear a mão do vencedor, como de Louis, onde não brilha a menor vestes de contentamento, dizem claramente o que se passou no ringue



Aqui tem o leitor as nove fases consecutivas da segunda queda de Joe Louis, durante o seu combate com Joe Walcott. Durou sete segundos, ao cabo dos quais, Louis conseguiu erguer-se, ainda combatido, para terminar o quarto assalto em difícil postura. A sequência das imagens mostra o seguinte, com rigorosa veracidade: Walcott acaba de aplicar o golpe da direita e as pernas de Louis dobram-se sob a violência do choque (1). O campeão desce a caminho da lona (2) e (3) a sua expressão revela sofrimento e terror. Louis está deitado mas os cotovelos evitam que se estenda ao comprido (4). Louis erga e procura sentar-se na lona (5); o esforço do campeão é bem patente, para vencer o adormecimento dos sentidos e da vontade (6). Louis procura ajoelhar antes de arrear (7); o árbitro, notando que o campeão ainda não saiu do letargo árbitra-lo os segundos. À esquerda vê-se o cren-metrista — de branco — anunciando o tempo (8). Louis, já de pé, espera que o árbitro lhe limpe a resina das luvas

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(Continuação da pág. 2)

Curado, José Maria, Alexandre, Miguel, Brioso, Alcino e Franklin.

Árbitro — Adriano Gonçalves (de Coimbra).

Elvas fez tudo quanto podia para desfeitear o Sporting. Mas para ganhar ao Sporting, na sua forma de campeão, é preciso ter jogo firme e alguma sorte. Se não falharam as duas coisas ao grupo elvense, por certo não teve a última pelo seu lado...

Assim, mais um obstáculo vencido. Os campeões passam muitas vezes dificuldades, e aos espectadores menos serenos ou mal habituados deixam nessa altura a ideia de uma inferioridade que não existe.

Podia o Elvas, indiscutível bom grupo, dominar todo o tempo, que nem por isso o jogo nos conduzia a outra impressão acerca do que vale o Sporting no actual momento. Aceita-se no entanto como sintoma agradável para os defensores da Província, no rol dos quais pedimos licença para ficar incluídos, o facto dos elvenses só no último momento do desafio se considerarem derrotados. Todas as informações, e algumas de boa origem, nos garantem que Azevedo fez exibição digna de si, de modo que os remates enviados às redes leoninas devem ter impressionado...

Mas cá está! — Os lisboetas ganharam o desafio. Não os abandonou a «sorte dos campeões», e contra ela pouco vale o domínio adversário, o seu melhor comportamento — tudo quanto se diga e se escreva. No meio da «desgraça» e da confusão surge sempre o raio de luz, e os «sportingueses», (como costuma escrever T. da S.) provocaram o seu aparecimento às vezes necessárias — mais uma que o Elvas adafogado e perigoso. Tanto bastou...

Os grupos:
Elvas — Semedo; Galinho, Neves e Oliveira; Rebelo e Gomes; Vieira, Massano, Patalino, Sousa e Angelo.

Sporting — Azevedo; Soeiro, Manuel Marques e Juvenal; Barrosa e Verissimo; Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

Árbitro — J. Trindade, (de Setúbal).

As coisas não correm de feição para o Olhanense. Depois do empate em Coimbra e derrota no Porto — este empate é possivelmente mais demolidor. Que o Lusitano não é peste nenhuma, prova-o com os seus 4 pontos, tantos como o seu adversário re-

ALBUM DOS JOGADORES

Os pedidos devem ser feitos sem demora para poderem ser atendidos

Stadium a partir do 1.º número de Janeiro, vai publicar uma nova Separata denominada «ALBUM DOS JOGADORES»

Em cada número publicaremos uma bela fotografura em ponto grande acompanhada de dados biográficos de dois jogadores de futebol pertencentes aos vários Clubes do País

Pedimos a todos os nossos Agentes que indiquem com antecedência os números de exemplares que desejam, a partir de Janeiro próximo. Todos aqueles que desejem adquirir a nova Separata devem requisitá-la à Administração da «Stadium» ou ao Agente da sua localidade.

Toda a correspondência deve ser dirigida à «Stadium»

RUA DA ROSA, 252-1.º — Telefone 31187

Stadium continuará a ser vendida ao mesmo preço!

FUTEBOL-JUNIORES

No passado domingo o público aconcheu em grande número aos campos onde foram disputados os jogos de juniores, e isto é a demonstração pura e simples de que os apaixonados do desporto rei procuram nos jovens jogadores os seus ídolos de futuro.

Cada espectador admite que este ou aquele jogador subirá rapidamente à primeira categoria, e alguns juniores são comparados pelo físico ou maneira de jogar, aos internacionais de momento, e

gional. Mas o campeão algarvio, com muitas presenças na grande prova, era considerado favorito. Pelo menos no papel.

Polis ainda para contrariar todas as suposições, o Olhanense só conseguiu o ponto de empate quando o Lusitano jogava apenas com 9 homens!

Até colhermos outras impressões, julgamos que deve considerar-se o *team* algarvio de Vila Real de Santo António, se não como *Tomba-gigantes*, pelo menos com armadura capaz de fazer amargos de boca...

Alinharam:
Lusitano — Isaurindo; Mortáguia e Caldeira; Camarada, Madeira e Branquinho; Almeida, Vasques, Angelino, Cabrinho e Germano.

Olhanense — Abraão; Ricardo e Nunes; Januário, João Santos e Acácio; Moreira, João da Palma, Cabrita, Joaquim Paulo e Palmeiro.

Árbitro — João Santos Júnior.

desta maneira a hipótese número um que se admite e de que eles, num futuro próximo, possam também receber a internacionalização.

Ainda não conseguimos ver, como desejamos, todas as equipas. Esperamos o final do apuramento dos vencedores de cada série, e então, na fase final da prova já alguma coisa poderá ser dito sobre o valor individual de alguns jogadores.

Os resultados dos jogos foram os seguintes:

Futebol Benfica 0-Tarujense 1; Estrela Amadora 3-Casa Pia 1; Alhandra, 1-Águia Vilafranquense 5; Sacavenense 3-Operário Vilafranquense 0; Sporting A 3-Operário 0; C. P. 0-Mirantense 1; Estoril 2-Pareda 1; Atlético B 6-Cascais 0; Desportivo Operário 1-Arroios 1; Cascalheira 0-Benfica 6 e Palmense 1-Atlético A 0.

Benfica, Atlético B, Águia Vilafranquense, Sporting A e Sacavenense obtiveram os melhores resultados da jornada.

Começaram a definir-se as posições em cada série, mas não seria prudente fazer vaticínios antes de terminada a primeira volta, pois que ainda faltam duas jornadas, e até lá pode aparecer alguma surpresa!

No entanto os três grandes, Benfica, Sporting e Belenenses, equipas que consideramos bem apetrechadas, podem-se considerar apuradas em cada série.

Outras há que caminham firmes e que querem comparecer na segunda fase da prova, e entre essas

equipas destacaremos as do Estoril, Atlético, Oriental e Águia Vilafranquense.

No próximo número dedicaremos especial atenção às equipas que consideramos num segundo plano, mas que teem mostrado um apêgo à luta bastante de louvar.

O melhor marcador de golos, nesta jornada, foi o habilidoso interior esquerdo do Benfica, Neves Pires, que com os seus quatro golos, igualou Sérgio, avançado centro do Sporting.

É interessante registar estes casos, porque, pelo menos, dão indicações quasi seguras, sobre os melhores rematadores das diversas equipas.

No próximo número tentaremos fazer uma escala dos melhores marcadores da prova, e quem sabe se ao vencedor será oferecido algum prémio...

M. V.

Ano VI — 11 Série — N.º 263
Lisboa, 17 de Dezembro de 1947

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração

RUA DA ROSA, 252-1.º

Telefone 31187 — LISBOA

Director e Editor:

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:

TAVARES DA SILVA

Propriedade da

Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRÁVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

O BELENENSES não devia perder...

Uma impressão de JULIO CUETO

Para «Stadium»

No domingo, em Madrid, era um grande dia de festa desportiva; inaugurava-se na capital de Espanha o melhor campo de futebol da Europa!

O esforço realizado pelo histórico clube madrilenho não tem paralelo no Mundo e todos os elogios e homenagens que se prestam à Direcção do clube e ao presidente o ex-jogador madridista Santiago Barnabé serão poucos e insignificantes se se tomar em consideração os benefícios de toda a espécie que resultam para o Clube da posse de uma construção moderna, formosa e construída para satisfazer durante muitos e por muitos anos todas as exigências da sociedade, do público e ainda da própria capital de Espanha, que pode sentir-se orgulhosa desta conquista que nada custou ao erário público...

A festa desportiva estava, pois, justificada com prévia solta de bombos e com a presença de uma equipa portuguesa, o Belenenses, cujos jogadores saudaram o público transportando bandeirinhas espanholas nas mãos.

A equipa do Real Madrid não está a tom com a importância indiscutível do clube que, para mais, ostenta o título de campeão de Espanha. O Belenenses, pelo seu lado, está sofrendo agora a metamorfose que exigem os tempos modernos e a adaptação dos seus novos elementos.

Julio Cueto, o chefe da rubrica desportiva do diário «Informaciones», uma pena de crítico muito considerada, quiz dar a «Stadium», gentilmente, uma impressão do encontro Belenenses-Real Madrid, com o que nos sentimos muito penhorados.

Acima de tudo, Julio Cueto revela-se um crítico de alto a baixo, de boa observação e exemplar imparcialidade.

Por isso talvez o começo do encontro não corresponda na sua realização ao prestígio creditado por ambos os clubes. Porém, parece-nos notável a verificação de que os jogadores portugueses conseguiram desorientar durante quase a metade do primeiro tempo o Real Madrid. A tática do Belenenses foi, a meu juízo, original e eficaz; com a condição de que os deanteiros tenham maior decisão para atirar ao golo que aquela que demonstraram ontem e por cuja razão perderam magníficas e claras ocasiões de adiantar-se no marcador...

Dos médios para diante, os portugueses jogaram clara e nitidamente a WM para o ataque; e de médios para trás a tática defensiva de pares era praticada com eficácia. Devido a isso, custou muito trabalho ao Madrid impor-se no segundo tempo e decidir a partida a seu favor por 3-1, devendo ter-se em conta que Escarlin anulou injustamente, por um fora de jogo imaginário, o melhor dos golos marcados no novo Chamartin. Porque então o marcador estava 1-1; e de haver tomado a dianteira o Belenenses — como era lógico — é muito provável que o Madrid não tivesse merecido este encontro de futebol que vem a ser como começo de um novo capítulo da volumosa história do Real Madrid.

J. C.

BASQUETEBOL

E' impossível ganhar em MADRID!

Por ACÁCIO ROSA

Há sempre um complexo de inferioridade, quando uma equipa portuguesa se apresenta fora do país.

¿Porquê?

É indiscutível que ainda não possuimos as qualidades indispensáveis para enfrentar todos os centros que se deparam no campo do jogo, quando em país estrangeiro. Sabido que o basquetebol representa um jogo de equipa e em que o cérebro dos jogadores tem a estes em constante actividade e exclusivamente integrado ao jogo, os portugueses não tem personalidade para, com a calma indispensável, lutarem contra o ambiente. E acima de tudo contra a arbitragem fora de Portugal, como dentro do país, o jogador tem de viver estranho à arbitragem...

Estes jogos com espanhóis, onde a nossa alma vibra com mais intensidade, são a demonstração clara de todos os nossos defeitos. «Os Belenenses» vieram também a Madrid para jogar basquetebol.

¿Jogaram?

Sim, incontestavelmente, mas apenas até à marcação favorável de 18-15.

Bastaram 4 lances livres, seguidos e injústos, antecedentes por outros 3 lances, nas mesmas condições, ou sejam 7 lances transformados pelo Madrid, para tudo acabar...

Os árbitros espanhóis de basquetebol, resolvem as situações de perigo, na devida oportunidade. Na altura própria, as suas decisões solucionam o problema.

Os portugueses, vítimas desta injustiça, entregaram-se.

... Reconhecemos que não podiam vencer!

E' impossível ganhar em Madrid! Mas é indesculpável que uma equipa não tenha personalidade para lutar, lutar, então!

Dois jogadores apenas cumpriram: Camilo e Jorge Afonso — Natividade, Neves, Cruz e Valério, não jogaram a partir dos 18 pontos, e foram apenas uns vencidos da arbitragem.

Técnicamente, fomos inferiores. Os espanhóis jogam, tal como o fizemos em Lisboa: cinco ao ataque, como a defesa.

A bola é jogada com rapidez nas duas zonas e daí a superioridade sobre os belenenses. Poucas vezes os azules foram velozes na mudança de zonas e isto não se compreende sabido que sabem e podem imprimir maior velocidade que os espanhóis.

Há necessidade trabalhar muito, há que criar um ambiente diferente daquele que possuímos.

51-34 e favor de Madrid são números elevados e duma lição para os belenenses.

Os jogadores portugueses reunem qualidades excepcionais. Sabem passar, encertam com facilidade, mas não tem personalidade, que os habilite a valor internacional. Precisamos de vencer equipas estrangeiras, precisamos de criar calor e só depois, vir para o campo da luta, lutar contra o ambiente e viver em plano de superioridade perante o faciosismo dos senhores juizes madrilenos.

Alguns dados sobre o jogo: Belenenses: Natividade, Jorge Afonso, Cruz, Neves e Camilo.

Depois, Valério e Ceia.

Marcção à 1.ª parte: 20-28.

Marcção final: 34-51.

Cruz 13, Camilo 15, Neves 4, Valério 2.

Doze lances transformados pelo Madrid e dois pelo Belenenses!

Falta de calma, e o que foi a arbitragem estes dois pormenores dizem quasi tudo...

Amanhã, Os Belenenses pretendem, pelo menos, a arbitragem dupla, com juizes espanhol e português.

E' justo e moral, mas os espanhóis não querem aceitar.

Porquê?

Os espanhóis, como sempre, não abdicam da sua personalidade, e do desejo de jogar com todos os trunfos.

Mas Os Belenenses com a dura lição de hoje, não devem transigir. — A. R.

ANDEBOL

O Torneio do Oriental

foi já estabelecido em conformidade, jogando-se as meias-finais no próximo domingo (Sporting-Almada e Belenenses-Glória), a final no dia de Natal e o jogo «Os Treze» — vencedor do torneio deste ano, no domingo imediato.

O encontro entre «leões» e «trezistas» teve duas fases muito distintas; antes do intervalo, período durante o qual se fez o resultado, a luta manteve interesse, vivacidade e, deu ao público o espectáculo agradável de frequentes boas fases construtivas. Na segunda parte, o nível do jogo baixou bastante, talvez pela entrada de alguns substitutos em forma

deficiente e de recursos em crise; a silentar, apenas, a excelente exibição de Osvaldo na baliza trezista, onde defendeu todos os remates que lhe lançaram, até duas grandes penalidades.

No outro jogo eliminatório, celebrado em Marvila, veio a verificar-se inesperada decisão; apesar de agir ante o seu público, o Oriental deixou-se bater pelo Almada, por 5 bolas a 4, decorrendo o encontro com bastante dureza, cabendo do facto toda a responsabilidade ao árbitro ocasional, que não soube empregar a necessária energia repressiva.

(Continua na página 12)

Começou no domingo a disputar-se, pela segunda vez, o torneio organizado pelo Clube Oriental de Lisboa para disputa de uma taça que este ano conhecerá o seu definitivo possuidor.

O regulamento, verdadeiramente original, estabeleceu que o troféu seja disputado em duas épocas consecutivas; no caso de não ser o mesmo o triunfador, os vencedores dos dois torneios decidirão entre si, em jogo final, quem ficará detentor da taça.

Em 1946-47, o Grupo Desportivo «Os Treze» conquistou a vitória, derrotando no último encontro o Sporting, depois de um empate que deixara tudo por decidir. Por acaso, no primeiro encontro, do torneio deste ano, defrontaram-se os mesmos adversários e o Sporting eliminou por 5-3 o seu velho rival.

Temos assim, desde já assegurada uma final entre «Os Treze» e o vencedor de 1948; o programa da prova

Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série,
cada exemplar, 2\$50

VITÓRIA EXPRESSIVA DO
BENFICA



Prates, é um guarda-rede muito novo. Ainda na época finda alinhava nos juniores da Académica. Mas é decidido, como demonstra neste ataque do benfiquista Júlio



Excelente defesa do guarda-rede colmbrão

A. FERRARI



Outra defesa energética de Prates. O ataque de Corêna já não chegará a tempo



Bentes e Jacinto lutam pela posse da bola. O encarnado vence



Joga-se ou não se joga? O árbitro consulta os juizes de linha. A partir de 3 minutos antes do intervalo



O que pensará Joaquim de seguida? Parece indiferente...



O extremo esquerdo bracarense procura fugir a Alfredo — o que não é fácil...



Nova defesa de Barrigana. O guarda-rede portuense é seguro...

Fotos F. SÁ



O F. C. P. jogou pouco mas venceu



Barrigana defende com muita sanção. Alfredo também está ali



Correia Dias tenta passar um adversário. Este, porém, já o desarmou



**SPORTING
EM DIFICULDADE**

Em cima — Um ataque do Sporting às redes de Semedo.
Em baixo — Sidónio tenta perturbar a defesa elvense.



Os JUNIORES do futebol português

O actual campeonato de juniores decorre com manifesto interesse, afirmando-se de facto uma prova de reais qualidades quanto à propagação do jogo e à revelação de futuros jogadores — porque é impossível que destes rapazes não tenham para o futebol nacional uns tantos valores ou pelo menos o rejuvenescimento de muitos sectores das nossas equipas.

Cada jogo fornece vários e significativos aspectos de beleza valorizados pela juvenil vontade e alegria que os jovens jogadores de futebol 95 na disputa dos seus desafios, empregando a fundo as suas energias frescas aliando-as a uma vivacidade de que não abusam, rodeando os seus encontros de um ambiente de disciplina e desportivismo que ormai lhes sirva de incentivo para a continuação da sua vida desportiva.

Os dois aspectos que publicamos, colhidos no jogo disputado entre o Atlético e o Dramático de Cascais dá bem ideia da luta animada a que não fogem os mais jovens do futebol português.

A luta entre Lisboa e o Barreiro parece ser a mais firme

Os transmontanos dominam o Norte e há muitos clubes em igualdade no extremo sul

O campeonato nacional da 2.ª Divisão continua a disputar-se com a melhor regularidade, mas parece ser oportuno lembrar que há clubes à espera que principie uma outra prova. Lá para o Norte estão de fora o Leça, Beira Mar, Ovarense, Académico de Viseu, Sport Contimbricense, Lustanea, Gil Vicente, etc. No Sul, — o Olivais, Sacavenense, Almada, Amora, Seixal e muitos outros. Clubes que disputaram já a 2.ª Divisão Nacional e ainda recentemente as provas regionais, viram-se obrigados a suspender a sua actividade...

Não nos parece que tudo isto contribua para a expansão firme do futebol. E esqueceremos, por exemplo, que as categorias inferiores, praticamente, foram votadas a completo abandono.

Dito isto, contemem-se os resultados da última jornada.

Primeiros os números:

Vianense...	2	—	Leixões.....	3
Salgueiros...	2	—	Vila Real....	5
Famalicao...	2	—	Sanjoanense..	1
Académico...	3	—	Oliveirense...	1
Ferrovário...	2	—	Alcoçaba.....	2
L. Santarém..	1	—	S. C. Covilhã..	2
Naval.....	3	—	S. L. C. Branco	2
U. Coimbra..	11	—	S. L. Viseu...	0
Operário...	3	—	«Cuf» Barreiro	4
Oriental...	5	—	Onze Unidos..	1
Barreirense..	5	—	Casa Pia....	1
Portalegrense	3	—	Campanotorense	2
Lusi. Evora..	0	—	Moura.....	5
Beja.....	3	—	Portimonense..	1
União Sport.	3	—	Boa Esperança	0

Perderam 5 clubes nos seus próprios campos; Vianense, Salgueiros, «Leões» de Santarém, Operário e Lusitano. Um único empate: no campo dos Ferrovários do Entrancamento, entre o clube local e o Alcoçaba.

Quanto a vitórias, merecem algumas ser apontadas. O Leixões foi a Vianna do Castelo vencer o popular clube do Rio Lima, coisa que não conseguiu, por exemplo, o Famalicao. O Salgueiros continua a perder, sendo desta vez seu vencedor o Vila Real. E o Académico do Porto regista a sua primeira vitória, por sinal contra grupo que já passou pela Divisão de Honra: — o Oliveirense.

Pode considerar-se escasso o triunfo obtido pelos famalicenses sobre a Sanjoanense. Ou melhor: — o conjunto de S. João da Madeira, embora perdendo, dificultou a vitória dos seus adversários.

O União de Coimbra foi desta vez o algoz do Sport Lisboa e Viseu. Ganharão os rapazes de Coimbra por 11-0. Parece ser exacto que tanto o Académico beirão como o Sporting de Lamego são no actual momento superiores aos encarnados da capital da Beira Alta — mas estão como «assistentes» nesta prova...

Na zona Central, merece realce o resultado do encontro «Leões» de Santarém — Sporting da Covilhã. Os

beirões conseguiram ganhar, porque a sua equipa tem mais fundo, mas não há dúvida de que os scalbitanos lhe dificultaram tenazmente a vitória. Claro que isto de «ser melhor» revela-se mesmo quando o adversário joga mais. E tanto faz a critica dizer «que sim, como que não...»

Dos clubes de Lisboa apenas o Oriental passou com vitória folgada contra o Onze Unidos. O Operário e o Futebol Club Benfica nem dentro do seu ambiente puderam ganhar a duas equipas do Barreiro — «Cuf» e o Luso. E o Barreirense, recebendo a visita do Casa Pia, também não esteve com contemplos, ganhando bem e mantendo o mesmo número de pontos do Oriental. Rivalidade que se desenha...

Entre o Alentejo e o Algarve não está mal a luta. De surpresa, e de vulto, as vitórias do Desportivo de Beja e União Sport, sobre o Portimonense e o Boa Esperança. Os alentejanos levaram a melhor. Beneficiou com estas derrotas o Portalegrense, que entretanto ganhou dificilmente ao seu adversário Campanotorense.

Vejam os agora as classificações:

Zona A		J.	P.
S. C. Vila Real.....	4	8	
Famalicao.....	4	7	
Leixões.....	4	6	
Sanjoanense.....	4	4	
Oliveirense.....	4	2	
Vianense.....	4	2	
Académico.....	4	2	
Salgueiros.....	4	1	

Zona B		J.	P.
S. C. Covilhã.....	4	6	
Ginásio Alcoçaba.....	4	6	
S. L. C. Branco.....	4	5	
Naval.....	4	5	
União de Coimbra.....	4	4	
Ferrovário.....	4	4	
«Leões» Santarém.....	4	2	
S. L. Viseu.....	4	0	

Zona C		J.	P.
Oriental.....	4	7	
Barreirense.....	4	7	
Cuf do Barreiro.....	4	6	
Luso do Barreiro.....	4	4	
Onze Unidos.....	4	3	
Casa Pia.....	4	2	
F. Benfica.....	4	2	
Operário.....	4	1	

Zona D		J.	P.
Portimonense.....	4	6	
Portalegrense.....	4	6	
Desportivo de Beja.....	4	5	
Atlético de Moura.....	4	5	
Boa Esperança.....	4	3	
Campo Maior.....	4	3	
União Matrena.....	4	3	
Lusitano (Evora).....	4	1	

VOLEIBOL O Ginásio Clube

realiza hoje o seu sarau no Coliseu

O glorioso Ginásio Clube Português marcou para hoje, no Coliseu dos Recreios, o seu habitual sarau gínástico. Como sempre acontece quando o velho e prestimoso clube se apresenta ao público, que muito justamente o estima, rodeia-se de entusiastas o trabalho seguro das suas classes infantis, senhoras e homens, educativa e olímpica.

No sarau de hoje despede-se do público o aplaudido ginasta Angelo Mendonça, que muitas exhibições de categoria lhe proporcionou, como representante do simpático instituto de Educação Física da Rua Serpa Pinto. Stadium, referir-se-á no próximo número ao acontecimento.

ANDEBOL

(Continuação da pág. 9)

Assistimos somente ao encontro do Lumiar, onde também houve quem abuzasse das entradas singulares ao adversário, mas onde, sobretudo, houve quem se servisse com condenável exagero das prisões e obstrução ilegítima, o que cerceou toda a beleza ao jogo. Admite-se que, em casos extremos, como último recurso para impedir a decisão de uma situação critica, o defensor agarre o seu antagonista; mas é impossível conceber o comportamento do defensor que sistematicamente, em regra, por carência de recursos, agarra todo o adversário que lhe passa ao alcance da mão, determinando a cada momento o corte da marcha do jogo para a marcação de livres.

Torna-se indispensável tomar energicas medidas para repressão deste sistema, que tende a generalizar-se com grave prejuizo para a categoria do jogo lisboense, que já desde 1946 vem ameaçando perda evidente de valor colectivo.

ATLETISMO

(Continuação da pág. 5)

Nos anos restantes não é possível, mesmo com boa vontade, reconhecer progresso global neste especialidade; as marcas subiram ou desceram conforme o classe dos saltadores que iam aparecendo.

Em 1942 surgem dois rapazes que fizeram carreira. Um deles, com excepcionais aptidões, não manteve actividade regular que o levasse ao máximo dos seus recursos; é António Pereira Cardoso, filho de outro grande campeão e atleta, António Rodrigues Cardoso, actualmente Inspector dos Desportos. Venceu o campeonato universitário com 1^m,75.

S. C.

Uma acção

dos jogadores
Belenenses

○ Belenenses deslocou a Madrid para os dois encontros do Estádio de Chamartin de zassete jogadores, mas nesse lote não estava incluído o médio Varela Marques que talvez esta época termine a sua carreira.

Em vista de isso, e sabedores do facto, os jogadores do 1.º grupo de Belém, titulares e suplentes, pediram à Direcção do Clube para incluir Varela Marques no lote que se deslocava, pagando eles a viagem do seu companheiro de equipa.

Escusado será dizer que o referido elemento foi imediatamente convocado e designado para a deslocação, não sendo necessário — evidentemente! — o sacrificio económico dos seus camaradas.

Seja como for, do gesto resulta uma das mais belas notas de solidariedade humana e desportiva, aliás, dignas de gente do desporto.

E não há dúvida que tal demonstra uma coisa: a camaradagem que liga todos os jogadores de Belém, a qual, de resto, se reflecte no campo da luta. Continuamos a ter a opinião de que os «teams» mostram em campo a forma como são dirigidos, e que os jogadores revelam no rectângulo as qualidades que os adornam na vida prática.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

ÁRBITROS E NOMEAÇÕES

DE todos os lados chovem reparos à arbitragem dos encontros de futebol. Nunca como hoje — e o problema é velho! — esses reparos são tão justificados.

Nós temos pessoalmente a impressão de que o chamado sistema em diagonal que, aliás, quase nenhum árbitro segue com perfeição, contribue grandemente para o mal das arbitragens.

O sistema, como todos os sistemas, não é peor do que outro qualquer — será talvez melhor! — desde que tenha uma integral aplicação, e as pessoas encarregadas de o executar estejam devidamente competidas e trabalhem numa absoluta unidade de acção. Mas, regra geral, nota-se o contrário.

E' que a aplicação do sistema exige cuidada preparação de ordem técnica e os árbitros não se treinam (a Comissão Central de Árbitros cruza os braços, e dá-se simplesmente a nomeações, e, mesmo assim, pouco cautelosamente! — e requisitos de ordem física.

O árbitro deve ter rapidez suficiente para acompanhar de perto o jogo nas suas rápidas mutações, numa linha imaginária que atravesse o rectângulo, de canto a canto contrário, por forma a vigiar o lado do terreno que não tem a fiscalização próxima do juiz de linha.

Tudo isto estaria certo se, na prática, se verificasse tal coisa. Mas a verdade, nua e crua, todos o sabemos, é que os árbitros perderam o hábito de acompanhar o jogo e dirigem o encontro longe do sitio onde se encontra a bola, por falta de devida preparação física. Quanto a seguirem uma linha ideal, a tal citada diagonal, o caso não passa de utopia. Contam-se pelos dedos as arbitragens em diagonal!

Por outro lado, o sistema, insensivelmente, tira a autoridade ao árbitro, que devia ser o único em campo a mandar em última instância, e que se deixa subordinar ao juiz de linha, seu colega, e da mesma categoria.

Neste pormenor, dão-se a todo o instante casos pitorescos, tais como o árbitro, encontrando-se no meio do campo e perto da jogada, inquirir do juiz de linha se a bola saiu pela linha de cabeceira, se foi *ofside* ou se deve marcar qualquer falta. As vezes, no temer das responsabilidades, leva a sua interrogação ao ponto de perguntar se a bola entrou nas balizas...

Nos cantos e bolas fora, por exemplo, marcados na metade do campo não sob a acção directa e normal do juiz de linha, dão-se as peores injustiças, fabricando-se decisões absolutamente ao acaso — visto o juiz de linha afastado do acontecimento algumas dezenas de metros decidir também ao acaso...

Poderíamos pormenorizar e citar mais factos. Se as equipas nomeadas para os jogos trocassem primeiramente impressões gerais sobre a direcção da partida, tendo em vista conselhos superiores, os inconvenientes apontados seriam reduzidos grandemente.

Como se tudo isto não bastasse, as nomeações mostram não haver o rigor necessário, elegendo-se indivíduos para a direcção de encontros de responsabilidade, que ninguém conhece, não tendo ainda dado provas práticas de aptidão e de segurança.

E' triste dizê-lo, mas, em matéria de arbitragem, retrocede-se de modo inconcebível — por visível falta de orientação. De todas as partes do país ergue-se um clamor a respeito da arbitragem. Impõe-se obra de saneação.

CONTA-GOTAS

○ *futebol espanhol anda sedento de matches internacionais, e, assim, a notícia do Suíça-Espanha em 20 de Junho próximo foi recebida com a mais viva satisfação. Pela nossa parte, eis um desafio que não desperta em nós qualquer saudade — tal a forma como se comportaram os suíços no último encontro em Lisboa.*

○ *COMO consequência de aquele jogo internacional, a final da Taça de Espanha disputar-se-á em 27 de Junho, devendo os clubes interessados na Taça Eça Peron, o Valência e o Real Madrid, acordarem na data do encontro.*

○ *Os clubes portugueses tem sido solicitados para vários países. O Sporting para a Suíça, o Belenenses para a Bélgica, e todos para Espanha.*

Infelizmente, tais convites não podem ser aceites por causa da regularidade dos torneios oficiais. Mas sabemos que está também em projecto uma viagem ao Brasil — que a seu tempo será divulgada.

CORRE QUE...

A Comissão Administrativa da Federação ratificou a confiança aos 3 membros da Selecção. Estes, afinal, estão encantados por trabalharem uns com os outros, afinando todos pelo mesmo diapason. Há notícias que causam uma alegria enorme!

○ O sr. dr. Virgílio Paula está a organizar um Relatório para apresentar à Direcção Geral dos Desportos sobre o desafio Portugal-França. Estamos convencidos que, pelo menos, algumas peças não serão tornadas públicas.

○ O sr. Martinho de Oliveira, antigo jogador, agora em foco por fazer parte da Comissão de Selecção, deslocou-se para Madrid a fim de presenciar os encontros do Belenenses. O mais curioso do caso é que o Madrid, praticamente, não dá elementos para a Selecção Nacional.

○ Contra toda a expectativa, o sr. João de Brito após ter declarado em conversas amigas que pederia a sua demissão, ficou a aquecer e a aconchegar o lugar. A reconsideração foi bem recebida.

○ Vários árbitros da Província estão aborrecidos por não serem sistematicamente utilizados. Há muito mantemos a opinião de que as nomeações estão

a ser feitas sem obedecer a um critério geral.

○ Chegou a correr que os jogadores do Sport Lisboa e Saúde deviam ser obrigatoriamente inspecionados no Centro de Medicina Desportiva. O caso provocou celeuma, mas afinal esclareceu-se num apice. A medida não atingiu aquele grupo nem outros semelhantes que porventura se constituiriam.

○ O caso do Rosário continua na ordem do dia. Apesar dos seus propósitos de regresso ao Sport Lisboa e Cartaxo sabe-se que o referido elemento continuará qualificando por Elvas visto aquele clube, por assim dizer, não fazer parte da organização de futebol, não podendo ser, por consequência, sujeito de direitos e obrigações. Este, é o fundamento oficial.

○ Nos principais clubes de Lisboa não haverá alterações nas suas gerências, pelo menos, no que diz respeito às presidências. Eis um sistema de trabalho em profundidade.

○ A Federação, por deliberação superior, está a fazer um inquérito, o qual corre a cargo do sr. dr. Faccó Viana, aos factos havidos no Benfica-Belenenses disputado esta época no Campo Grande, e por effectos de um requerimento do Belenenses.

EM todos os clubes nota-se a tendência para dispôr de mais de um treinador devidamente habilitado. Mas já o dissemos: — impõe-se uniformidade de trabalho.

Caso contrário, dar-se-á mais do que uma vez o desagradável caso que passamos a referir.

Num dos clubes de Lisboa, em certo treino dirigido pelo treinador A, um guarda-redes dos juniores, por sinal, elemento de grande futuro, fez uma jogada e foi vivamente censurado pelo treinador que o aconselhou a proceder de outra maneira.

No treino a seguir, dirigido pelo treinador B, o mesmo guarda-redes ao efectuar a mesma jogada, e agora como lhe fora indicado, foi novamente admoestado pelo treinador B que o obrigou a proceder ao inverso do que lhe tinha sido aconselhado alguns dias antes.

Este caso — flagrante! — prova de modo incontrovertido que há toda a vantagem do mesmo treinador orientar sempre o mesmo grupo, evitando a repetição de factos que, como este, lançam a dúvida no espirito dos jogadores novos e os desmoraliza.

SERAFIM BAPTISTA, O NÓVEL MÉDIO-CENTRO DO BOAVISTA, FAZ-NOS CURIOSAS DECLARAÇÕES

"Gostaria de jogar tendo ao meu lado Amaro ou Moreira e Francisco Ferreira..."



Perante uma defesa do seu guarda-redes, que Lourenço ataca, — Serafim procura dar a sua ajuda



E inegável que o futebol português não apresenta aquela horizonte azulado que muitos pretendem descobrir, não vendo mesmo algumas nuvens acinzentadas que nos dizem que nem tudo é bom tempo...

Mas de vez em quando surgem algumas revelações. Há dias o nosso camarada Rodrigues Teles apresentou uma das mais radiosas; o médio Carvalho, do F. C. do Porto, um rapaz ainda muito novo e que depois de andar perdido pelo ataque, quer em Coimbra quer no Porto, acabou por regressar aos antigos amores para conseguir transferir-se num dos melhores médios portugueses.

Hoje falamos de outro praticante. Igualmente jovem — tem apenas 21 anos e que no declinar da época passada e na actual é apontado como um dos melhores médios-centros portugueses.

Serafim Baptista é presentemente a grande vedeta da equipa do Boavista, formando com Armando o duo dos seus melhores elementos.

Embora sendo muito novo tem sido assediado por inúmeras propostas, algumas delas vindas de Lisboa e outras do Porto.

A febre das transferências levou determinados dirigentes a artiscarem-se nas ofertas, de tal maneira que obrigavam a pensar duas vezes. Mas Serafim pensava de forma diferente.

Disse-nos ele: — «Sabe muitíssimo bem que vivo muito agarrado às coisas do norte. Tenho aqui os meus amigos e a minha família. Tive sempre a preocupação de olhar ao dia de amanhã.

Alguém me fez ver claro no meio desta confusão toda em que vive o nosso futebol, com os jogadores a mudarem facilmente de camisola, a despeito de todas as amarras.

Há miragens que entontecem mas reconheço que desaparecidas elas, são como o cigarro caro que se fuma e se esvai...

— Mas nunca lhe passou pela cabeça mudar de clube?

— Decisivamente não. Brinquei muitas vezes. Recordo-me que em certo momento perante uma oferta já principessa feita por um clube de Lisboa tive a tentação de avaliar até que exposte valeria para esse clube. Fiz uma contra-proposta arrojadíssima e chaguei a ter receio de que a aceitassem porque tudo levava esse camião.

A tempo ainda de qualquer complicação fiz saber que por preço algum deixaria de jogar na minha terra.

E cá estou como vê... Não n.e habituaria a sair do Porto, tão ligado vivo a tantas amizades e simpatias. Seria tremendamente ingrato se pensasse de forma diferente. Depois sinto que durarei seis ou sete anos. Mas depois? Ficaria como um desterrado — sem conhecer ninguém, olhado apenas como mais um vagabundo. A vida não é isto da bola — mesmo que seja profissionalizada...

Damos rumo diferente à conversa. Caminhávamos em plena cidade, àquela hora em que os escritórios se tornam desertos. O movimento no Porto, com automóveis às centenas torna-se difícil. É um problema que requiere na verdade estudo profundo.

Mas nós não queremos falar sobre isso. Interessa-nos divulgar algumas impressões dum dos ídolos do nosso público.

Arriscamos um pergunta atrevida mas temos confiança para tal: — Que dizes à insistência com que te atribuem jogadas à margem da lei?

— Gosto que aborde esse ponto. É que acredito que me desola a maneira como se apreciam determinados factos, vendo-os apenas através da cor das camisolas dos jogadores. Nunca tive tanta preocupação de ser leal como agora. Não viro a cara ao adversário, nem tenho medo quando entro. Desnecessário será dizer que na missão defensiva há que entrar a lancha com decisão.

Mas o mais curioso é que para mim entram de qualquer maneira e não vejo censurar essas entradas, como não vejo verberar aqueles que cometem tantas desigualdades. Resolvi-me que quando desarmo alguém — é porque sou violento.

Para lhes agradecer teria que atalhoar o meu dever de atleta. Acredite que muitos vêem mal o caso e só mudariam possivelmente se amanhã envergasse uma camisola de cor diferente, mais em harmonia com as suas preferências.

— Mas simpatias com o posto de médio-centro?

— Confesso-lhe que de entrada não gostava. Toda a minha simpatia a entregava ao posto de interior. Mas agora sinto-me bem e reconheço que é o lugar mais de acordo com o meu feitio. Gosto de estar sempre em acção e de ter muito terreno para percorrer. Bem sei que ser interior é quase a mesma coisa — mas não se vive tanto na missão defensiva.

— Gostaria de ser internacional?

— Não há ninguém que possa ser indiferente à honra de vestir a camisola representativa da sua pátria. Este ano chaguei a ter Fé. Talvez o sonho se realizasse. Afinal, durou pouco a ilusão.

Não desisto. Assim sou novo e pode ser que o tempo me traga essa alegria.

— Que esperanças tem no comportamento da sua equipa?

— Quando vencemos a Vitória em Setúbal chaguei a ter a impressão de que o nosso costumeado «nar estava antilhado. Afinal, não aconteceu assim. Contra o F. C. do Porto jogamos de igual e perdemos por aquela diferença. No Algarve a equipa esteve irreconhecível. O ataque, especialmente, não existiu. Há tardes assim, em que tudo sai mal — e leio sem esquecer que o Lusitano será um bom adversário sempre que jogar em casa. Além disso a falta de Armando foi decisiva para o trabalho ofensivo do grupo.

— E para futuro?

— Sabe-se lá! Pelo menos tenho a convicção de que conseguiremos melhor classificação que na época passada.

Falamos em adversários difíceis, avançados que se tornem perigosos pelo seu valor. É curiosa a opinião de Serafim: — «O avançado que mais temo, que eu julgo mais incisivo é Araujo. Por vezes é desconcertante. Um descuido — e a bola está na baliza. Depois dele, temo Travassos. E' realmente um jogador desde as pontas dos pés e sem dívida o mais rápido. O mau é ele passar — porque depois agarrá-lo é quase impossível.

Serafim tem mesmo uma síntese curiosa: — Quando Travassos dribla e passa e olhamos, o Sol bate-nos na cara!...

— Joga em marcação ao interior direito?

— Cerradamente não. Apenas vigilância. O único interior que me obriga a jogar recuado e a vê-lo bem Araujo. Posso dizer que é o único ao qual nego um pedaço de terra. Em minha opinião um médio-centro não pode ser transformado numa sombra...

— E dos antigos?

— Toda a minha admiração vai para o Artur de Sousa, em meu entender um caso único dentro do futebol português.

— E dos estrangeiros?

— Gostei muito de Pontoni, o avançado-centro do San Lorenzo. Mas ao ver o ataque dos argentinos não soube que mais admirar. Aquelle extremo direito miúdo fritou os miolos ao Francisco Ferreira. Que jogador fino...

— Tem simpatia pelo basquetebol?

— Sim. Adoro o basquetebol embora o possa praticar apenas nas horas vagas. Tenho dele preciosas recordações. Jogo numa equipa onde raramente se perde e este por menor, digam o que disserem, encanta sempre o atleta.

— E jogadores deste desporto que admira?

— Acima de todos o Pima. E' o «Pingo» do basquetebol. Depois dele o Homem do Benfica.

— Quais os acontecimentos que mais se gravaram na memória?

— Quando o Boavista venceu o Sporting por 1-0 e quando perdemos com o Famalicão naquele jogo da Povoas, o qual nos ia atirando para a 2.ª Divisão nacional.

Serafim havia chegado à Batalha. O carro 13 estava à vista, mas tivemos tempo ainda para lhe fazermos a última pergunta: — Se lhe dassem a escolher companheiros para jogarem ao seu lado, numa selecção, quais preferiria: — Amaro ou Moreira para a direita e Francisco Ferreira para a esquerda...?

E Serafim lá entrou para o carro que o levaria para Vila Nova de Gaia — sua terra natal.

Ficamos ainda a meditar na última resposta. Um novo final gostaria de jogar lado-a-lado por veteranos...

O que é a vida e as preferências...



Serafim não é um profissional da bola. Tem a sua colocação, numa casa do Porto, onde o nosso fotógrafo o surpreendeu

Alves Teixeira

Comentários

Escolas de desporto

Os principais clubes de desporto convenceram-se, pelo que parece, da necessidade de prepararem por suas próprias mãos o futuro das suas actividades, criando escolas de desporto destinadas aos adeptos ainda demasiado jovens para poderem tomar parte em competições oficiais. Por esta forma se inicia em boa idade a preparação técnica dos futuros praticantes e, simultaneamente, se desenvolve e amolda em seus espíritos a dedicação clubista, elemento indispensável no seguimento normal da sua acção desportiva.

É esta uma doutrina que convirá generalizar em todos os núcleos de actividades e aplicada a todas as modalidades desportivas, subordinando-a a bem ponderado critério de orientação, para que, na realidade, a esses cursos de ensino se possa chamar escolas, isto é, factores de verdadeira educação e ainda para que sejam apenas benefícios de ordem física e moral que nelas irão colher os alunos recrutados.

Não é apenas o ensino técnico e tático da modalidade que se lhes deverá ministrar; também não será somente máia uma cuidada, progressiva e adequada preparação física, porque se não pode omitir sem graves riscos de desvirtude a escrupulosa catequese dos princípios morais do desporto, desinteresse, lealdade, disciplina, idealismo, entusiasmo e fe colectiva. Nas escolas de desporto a educação aplicada, ou é integral ou deseduca, no sentido social das suas funções.

O desporto em si, certos desportos sobre tudo; pelas suas condições de orgânica com tendências profissionalistas, representam para a mocidade um perigo que os pode desviar do bom caminho social; compele aos mentores, pela sua influência e processos relacionais com os alunos, alhear esses riscos e criar nas novas gerações o espírito desportivo que os preceitos da lei portuguesa determinam de acordo com os mais sãos princípios da ética social.

Casa sem pão

A derrota sofrida pela equipa nacional de futebol no seu encontro com os franceses, causou profunda desilusão nos meios desportivos e a crítica foi, na generalidade, apreciar severamente o critério dos responsáveis pela constituição da nossa equipa representativa.

Foi como se aqueles 4-2 sofridos ante um dos melhores agrupamentos nacionais europeus, constituíssem resultado vexatório para as tradições do nosso futebol ou traduzissem inesperado fracasso de indiscutíveis possibilidades.

Afinal, se pensarmos sem paixão, verificamos que já há dois anos a vitória portuguesa sobre o mesmo adversário fora reconhecidamente tocada de felicidade e, mais ainda, o descalabro das nossas ilusões ante os mestres ingleses representava um manifesto sinal de alarme que, pelo visto, não foi devidamente considerado.

Sem querermos tomar posição, porque — claro está — também nós tínhamos uma equipa nacional diferente da dos seleccionadores (não será grande exagero dizer que cada português, cada seleccionador com o único critério bom), parece-nos contudo que o mal é de raiz e para o enfrentar com êxito é necessário reconhecer corajosamente uma deficiência geral de valores, agravada pela insuficiência de forma da maioria dos poucos valores existentes.

Um aspecto do problema, importantíssimo no entanto, faltou ser ainda directamente

1. Mer. Verene
2. Jeu. Juale
3. Ven. Munteud
4. Sab. Rosalie
5. Dim. 11. Lau
6. Lun. Magan
7. Mar. Gratia
8. Mer. Nativio
9. Jeu. Gorozi
10. Ven. Nicolina
11. Sab. Felixa
12. Dim. 12. Feb
13. Lun. Ain
14. Mar. Ex. sa
15. Mer. Argul
16. Jeu. Cord
17. Ven. L. ara
18. Sab. Perre
19. Dim. 13. Jan
20. Lun. Eustach
21. Mar. Matia
22. Mer. Min
23. Jeu. Li
24. Ven. ...
25. Sab. ...

Breitling
APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA M.R.

Cada cronógrafo Breitling é acompanhado de um certificado de origem que serve de garantia pelo seu perfeito funcionamento

focado; a forma de vida do futebol português não aconselha que sejam fixados para os primeiros meses da época de jogo, partidos de responsabilidade internacional, porque os nossos jogadores, com regime de treino precário e reduzidas possibilidades de preparação intensiva ocasional, só mais para diante na temporada atingem o máximo rendimento da classe que, só por si, não chega para arriçadas empresas.

É sem jogadores — porque na realidade vimos muitos nomes indicados, que não passaram de nomes — não pode haver equipas e compreende-se que todos ralhem...

A crise do ciclismo

Existem seguras esperanças de que venha a ser superiormente solucionada a grave crise da Federação Portuguesa de Ciclismo, a que aqui fizemos referência.

O facto, porém, sendo embora motivo para regozijo, não devia ser considerado como solução real do problema, que se apre-

sentará idêntico dentro de um ano se não lhe modificarem as permissas.

A Federação não pode viver sem receitas próprias, nem pode tomar compromissos de pagamento de prémios pecuniários a corredores, sabendo de antemão que não possui, nem possuirá se lho não derem, fundo suficiente para tal.

Urge, por conseguinte, modificar os regulamentos do organismo superior do ciclismo, de maneira que lhe fique assegurado um rendimento que baste para cobrir as despesas ordinárias e os seus compromissos desportivos; por outro lado, há que reduzir o volume destes compromissos, de molde a caberem dentro da capacidade orçamental federativa.

Os acontecimentos indicam nitidamente que o ciclismo português, pelo menos na sua actividade oficial, não comporta categorias remuneráveis; a existência de ciclistas independentes, na situação actual da orgânica ciclista, não tem vantagem nenhuma e constitui, ao contrário, um cancro letal para os organismos dirigentes e para o empenho dos clubes, para os quais o ciclismo é, ao presente, um luxo demasiado caro. — S. C.

Análise da temporada de 1947

V — Meio-fundo e fundo

DO quilómetro aos dez quilómetros, os resultados não foram notáveis e considerá-los-emos mesmo deficientes sem a revelação de alguns novos elementos que deram prova de reais qualidades para a corrida.

A falta dos dois Bastos, Francisco e Humberto, nas provas de meio-fundo; a baixa de forma de João Silva e Afonso Marques nas distâncias superiores, os quais haviam sido os quatro melhores especialistas da temporada anterior, consorciaram grave prejuízo ao rendimento da época.

Valeu, para compensação parcial, a subida de Joaquim Branco e Castelo Branco, o progresso de Filipe Luís e a revelação de

Américo Gaeddelha e Alves da Silva.

O junior belenense Joaquim Branco, que já devia este ano ter sabido de categoria, creditou-se dos melhores resultados em 1.000 metros (2 m. 41,1 s.), em 1.500 metros (4 m. 10,9 s., segunda marca portuguesa) e nos 3.000 metros (9 m. 13,8 s.). Demonstra ótimas faculdades e nada nos admirará vê-lo para o ano feito grande rival de Francisco Bastos e capaz de superar o recorde dos 1.500 metros.

Carlos Castelo Branco nunca pôde, por motivos da sua vida profissional, seguir preparação conveniente, que lhe permitisse alcançar os resultados compatíveis com a sua classe. Este ano, a pesar de se manterem as mes-

mas dificuldades, venceu os campeonatos de Lisboa e Portugal dos 1.500 metros, alcançando 4 m. 19 s., nova marca na tabela portuguesa. Corredor de tipo mais ligeiro do que Branco, que o supera em poder, possuiu no entanto melhor estilo e mais ampla passada.

Depois destes dois homens, no capítulo do meio-fundo encontramos um promissor grupo de novatos: Alves da Silva (2 m. 42,8 s. nos 1.000 m. e 9 m. 14,2 s. nos 3.000), Américo Gaedelhas (2 m. 45,3 s. nos 1.000 m., 4 m. 25,7 s. nos 1.500 m. e 6 m. 18 s. nos 2.000 m.) e António Fernandes (2 m. 45,8 s. nos 1.000 m.).

O sportingista Alves da Silva, de escassa estatura, dispõe de excepcional velocidade na embolagem final; nos últimos cem metros poucos serão os que o consigam acompanhar. Vítima de lesão muscular logo após os nacionais de juniores, via-se afastado da pista no período mais interessante da temporada, quando poderia colher louros mais significativos. Pode vir a ser excelente corredor de 1.500 metros.

Américo Gaeddelha, o benfiquista que se olirmos no Grande Prémio do Natal, teve uma primeira época atlética bem expressiva; falta-lhe auto-domínio para manter na pista a seriedade disciplinada de um atleta perfeito, mas é virtude fácil de conseguir com empenho apenas de boa vontade. Vai longe, este rapaz.

Falta-nos citar: Adriano Go-

mes, que nos não convence enquanto não corrigir os defeitos que já lhe apontamos; e será possível? O portuense Leonel Silva, que foi rei na sua região e o jovem José António Araujo, cuja actividade se espalhou exageradamente, dos 1.000 aos 5.000 metros.

Araujo, que temos acompanhado desde a sua estreia nas competições da FNAT, é o tipo do corredor de aparência frágil, mas sólido arcaboloço. Tipo de Rochard. É preciso, porém, não abusar dos seus recursos; durante os quatro meses e meio de competição, participou — além das esteletas — em 1 prova de 1.000 metros, 2 de 1.500 metros, 8 de 3.000 e 3 de 5.000 metros. Já não está mal, para quem começou a temporada como junior.

Na falange dos corredores de fundo só Filipe Luís progredia e alcançou resultados dignos de nota: 15 m. 38, 1 s. na légua e 33 m. 15, 2 s. nos 10.000 metros.

Se trabalhar a descontração e a velocidade pode obter bem melhores marcas, que condições não lhe faltam. Consideramo-lo, mesmo, o melhor português na especialidade.

Afonso Marques, que acabou o ano de 1946 de maneira fulgurante, foi cumprir serviço militar e, adeus forma. Apesar de alguns êxitos, nunca chegou a ser ele-mesmo e só com porfiado esforço conseguiu voltar ao que foi; os defeitos são idênticos, mas perdeu aquela invulgar pujança que se sobrepanha a esses próprios defeitos de estilo.

João Silva, o seu grande rival e companheiro, acabou ainda maior declínio; davidamos que possa recompôr-se ao ponto de recuperar a posição de que disfrutava.

Entre os novos, principiantes e juniores, além dos nomes atrás citados, apenas poderemos referir ainda Alvaro e João Conde, melhor o primeiro, que para o ano podem reforçar a escassa falange dos nossos valores positivos.

Salazar Carreira

INICIATIVAS DA «STADIUM»

O "match" Luso-Espanhol em Problemas de Xadrez

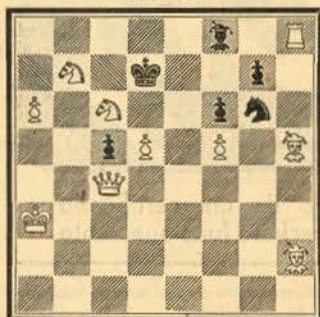
f) Os sétimos classificados

Tema Portugal

JORGE BREU
Barcelona

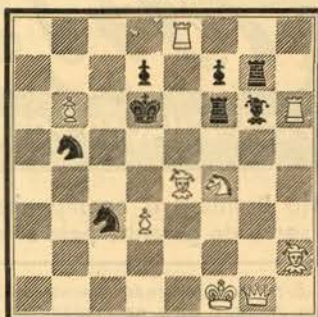
Tema Espanha

J. CASTRO E MELO
Amadora



Mate em 2 lances

Classificação: Seilberger: 9 pontos, (4.º); Kipping: 4 (9.º) = 13 pontos



Mate em 2 lances

Classificação: (6.º-8.º ex-aequo). Seilberger: 7 (6.º); Kipping: 5 (8.º) = 12 pontos.

Veredicto do juiz C. S. Kipping: (Tema P. J. Breu; Sol. 1. D x C5; O principal interesse deste problema reside na forma como o Rei negro marcha proporcionando as pregressões.

Tema E. J. Nelo; Sol. 1. Dg3; Cambio de mate Goethart. A desprezagem por um bispo combinada com a desprezagem da torre negra, graças à intercepção que aquele causa, já se realizou em exemplos mais complexos. Aqui, de novo, o éco mais interessante é o câmbio de mate.

(«Stadium» apresenta hoje dois belos problemas, qualquer deles, merecendo mais alta classificação, como aliás, o indica o veredicto do juiz holandês. O compositor espanhol conseguiu, num trabalho leve, num tema posicional de «bloqueio incom-

pleto», um problema em que apresenta curiosas auto-pregressões pelo Rei negro, mas duas variantes temáticas, as dos mates activo e passivo.

Também o nosso compatriota Castro e Melo, nos oferece uma magnífica obra, bem dentro do seu estilo. Na variante temática ocorre o tema Goethart (intercepção útil de peça pregada):

1. . . Bf5; 2. Cd6 (despreza a torre negra, que todavia não pode impedir o mate, porque está interceptado pelo próprio Bispo. Antes da chave, o mesma defesa (Bf5), ocasionava outro mate; 2. Cg6, também Goethart.

Esta mudança de mate é elegantíssima.)

Comentários-extras de Vasco Santos

INSCREVAM-SE PARA O ALBUM DOS JOGADORES

Uma nova Separata da «Stadium»
RUA DA ROSA, 252-1.º

FAMALCA

Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha Fomalca produz magníficos resultados.

A farinha Fomalca é amilácea, maltosada e com sais orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorias por 100 gramas.

A classe médica aconselha a Fomalca, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Diética da Fábrica de Chocolates Favorita

O ATLÉTICO

volta ao
Atletismo



Salvador Antunes, à esquerda, e Manuel da Silva concluem o seu treino de corta-mato

O Atlético Clube de Portugal regressa às práticas de atletismo. É agradável anotar esta informação porquanto o atleto deu sempre colaboração valiosa às provas atléticas e da sua presença resultou uma melhor e mais ampla propaganda desportiva, além de movimentar muito mais, como é natural, as provas, especialmente as de estrada, para as quais o atleto tem comparecido sempre mais ou menos bem apetrechado.

Esta volta dos alcantarenenses ao atletismo não acarretará para o clube qualquer dispêndio — foi a necessidade de economia financeira que levou a Atlético a suspender a secção de atletismo — pois que se constituiu uma comissão formada por Carlos Bernardo, Januário Couto, Izidoro Pereira, Virgílio Sousa e Fernando Martinho que chamará a si a orientação e o custeio da secção.

Voltam assim ao clube todos os atletas que haviam sido dispensados e que, conforme despacho da Direcção Geral de Desportos, estavam representando outros clubes com o compromisso de regressarem ao seu antigo clube no caso de no prazo de três anos o Atlético voltasse de novo ao atletismo.

Já por isso compareceram ao primeiro treino, efectuado no Domingo de manhã nos terrenos da Tapadinha, Salvador Antunes, Manuel Silva, Cândido Pedro, Albertino Antunes e Virgílio de Sousa. Filipe Luis que durante este tempo tem representado o Sporting, não compareceu ainda. Este grupo será de início o destinado às provas de estrada. Para a pista Virgílio de Sousa, Cândido Pedro, Joaquim Cachamela e Albertino Antunes, estão já em treino.

Entretanto o Atlético dispõe de número de inscrições de sócios e simpatizantes ao clube que o desejam representar em atletismo. Esse grupo de novos atletas vai iniciar os seus treinos.

Oficialmente o Atlético aparecerá no «Grande Prémio do Natal», iniciando assim a sua nova fase no atletismo português, onde, a par de uma presença de reconhecido valor, conquistou, entre outros, o campeonato regional de corta-mato, por equipas, o campeonato regional e nacional dos 10 quilómetros e o campeonato regional de fundo, 30 quilómetros. E' recordando estes títulos que o Atlético volta com grande entusiasmo ao atletismo.

F. S.

O Boavista

ganha
no seu
campo...



O ataque do Boavista sabe jogar. Aqui vemos Caído entregar uma bola a Barros, perante a oposição alcantarense



Uma avançada alcantarense, impedida pela defesa do Boavista



A bola vai para Santiago. Defenderá com segurança



A defesa alcantarense em acção. O atacante do Boavista cedeu



O TÉCNICO

Campeão de Portugal
de Voleibol

Terminou o primeiro Campeonato Nacional de Voleibol a que concorrem o Técnico, Benfica, Leixões e Sporting de Espinho. Triunfou mercedamente o Técnico, que chegou ao fim do torneio sem uma única derrota. O grupo do Técnico alinhou: Nuno Barros, Eugénio Martins, David Cohen, António Fonseca, José Frois e Carlos Medeiros.

Basquetebol



Aos domingos de manhã o basquetebol tem a sua grande actividade. Nos diversos campos espalhados por Lisboa, dezenas de basquetistas animam extraordinariamente o torneio que a Associação de Lisboa está fazendo disputar nas 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões.

Desporto que conquistou grande público o basquetebol continua numa actuação de interesse e de valorização desportiva dentro da modalidade. O fotógrafo da «Stadium» focou este momento do encontro Boa Hora-Promotora, um jogo que se rodela sempre de grande animação, no momento em que os avançados do técnico da Promotora — que pretendiam lançar a «bola» ao cesto.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

RUGBY

Austrália, 16 pontos
Escócia, 7 pontos

O primeiro desafio internacional de bola ovoide desta temporada, efectuou-se em Murrayfield (Escócia) e teve como participantes os escoceses e os australianos. O público, muito numeroso, rondou a meia centena de milhares. A princípio, o domínio da situação pertenceu aos homens do Norte que mantiveram 7 pontos a 3 no marcador. Todavia, um dos melhores esteios da equipa, o médio Wright, deslocou a espádua e daí em diante os australianos impuseram a sua técnica, terminando triunfadores.

Os visitantes provaram, mais uma vez, a magnífica qualidade do seu jogo, apesar de condições muito desfavoráveis do tempo e do terreno.

Irlanda, 3 pontos
Austrália, 16 pontos

Este desafio, agora celebrado em Dublin, foi o segundo da série ternária, que os famosos jogadores Walliales aceitaram celebrar durante o seu giro pela Grã-Bretanha.

Os irlandeses foram batidos nitidamente e sem quaisquer desculpas ou atenuantes. No fim do primeiro quarto de hora adquiriram nítida vantagem marcando um «ensaio» (3 pts.); depois, os australianos igualaram, executando manobras de grande vivacidade e beleza técnica.

Resta saber, agora, o que fará o País de Gales, no próximo sábado ao defrontar os invencíveis jogadores dos antipodas.

BOXE

Valdés continua titular

Foi em Barcelona que se disputou o desafio entre José Valdés, campeão dos «leves» e Pascual García, pretendente ao título nacional da categoria.

A luta esteve bastante equilibrada a princípio. Valdés impôs-se depois do terceiro round, embora o catalão lhe desse réplica pronta e por vezes impusesse o combate de perto. A decisão por pontos, em benefício de Valdés foi justa.

corre o risco de baixar à Segunda Divisão.

Nesta, verificaram-se os seguintes resultados:

Ferrol....	2	—	Corunha...	0
Valladolid..	4	—	Castellón...	2
Maiorca...	2	—	Murcia....	1
Granada...	2	—	Mestalla...	0
Levante...	3	—	Badalona...	3
Baracaldo..	2	—	Malaga....	1
Cordova...	3	—	Hercules...	0

FUTEBOL

Em Inglaterra

Os clubes londrinos, e são onze, que labutam no campeonato divisionário de futebol, devem registar o último sábado como um dia aziago sem precedentes.

Exceptuando o Millwall, a forcejar na cauda da 2.ª Divisão e o único que conquistou uma vitória (sobre Coventry C. por 1-0), mais o felizardo Arsenal, empatando a cinco minutos do fecho do desafio uma partida que Manchester City estava vencendo, com a maior justiça, por 1 bola a zero, tudo o mais regressou a penates de orla-murcha.

O Chelsea e o Charlton, depois da derrota, ficaram bem na cauda do conjunto divisionário. Chelsea perdeu com o Burnley (1-0) mas lutou demoradamente e fez a vida cara ao segundo classificado.

O historial do Chelsea nesta época, quanto a desafios em terrenos dos adversários é bastante pobre: oito derrotas em nove jogos! O Charlton entrou em colapso definitivo e safu vencido pelo Grimsby Town (3-2), que é a lanterna vermelha da 1.ª Divisão, no seu próprio campo de Happy Valley.

Até agora já perdeu 10 pontos consecutivos.

Quanto ao Arsenal, conserva o santo bem virado para si. Depois de uma lição de belo futebol, recebida em casa, obteve um justo penalty e conseguiu o empate.

Pergunta-se agora quanto tempo durará a sorte que o protege!

Os seguidores imediatos, o Burnley, o Preston N. E. e o Blackpool são igualmente ameaçantes. O Preston derrotou o Derby County (7-4), depois de uma batalha cerrada entre as linhas de ataque e o trio das defesas.

Tottenham e o West Ham comprometeram as suas aspirações a uma passagem à 1.ª Divisão. Tottenham perdeu com Newcastle, pela mínima diferença, mas a qualidade do futebol exibido foi primorosa; os vencedores passaram assim ao segundo posto, imediatamente atrás do Birmingham, que triunfou do Sheffield W. por igual score.

O West Brouwich Albion, desceu ao terceiro lugar, em consequência de ter perdido com o Cardiff City (3-2), mas a diferença pontual entre ele e os primeiros é escassa.

E, como ainda faltam 6 semanas críticas, tudo pode acontecer até lá.

NOTA DA SEMANA

As religiões são preceitos muito respeitáveis, como são, também, os seus assistentes, que gosam de justificados privilégios, um dos quais — por certo não será dos menores — consiste nos transportes das almas, pelo caminho da perfeição, até à santidade e cerca da ideia divina.

Nalguns países, infelizmente, chocam-se os processos de introduzir nos espíritos a semente que os purifique. Há em vista a Inglaterra, onde, a par da Igreja oficial, subsistem outras, subdivididas em várias seitas de não-conformistas, desde os puritanos, presbiterianos, balistas, metodistas, quakers e unitários aos mormons.

Estas divagações, parecendo fora de propósito, convinha serem feitas quanto antes, para melhor explicação do que se segue e constitui o motivo primordial da «nota» desta página.

O facto sucedeu na Grã-Bretanha, mais propriamente em Pontardawe, no País de Gales, que também é a cidade natal de Ronnie James.

Este senhor James, era, até há pouco, o campeão de boxe de «peso leve» das Ilhas Britânicas. Sentindo que chegara o dia de pôr termo ao seu ofício, de dar e levar «castanhas», decidiu dedicar-se a um ramo colateral do mesmo mister: Fez-se emprezário e escolheu Pontardawe como sítio preferido para montagem do negócio.

Quando isto se tornou conhecido, foi tal e qual o que acontece quando o bobo cai no meio de um rebanho. As opiniões aglomeraram-se e logo veio à estacada, na imprensa, o secretário das Free Churches — Igrejas Livres, outra das muitas seitas já aludidas — de Pontardawe, a reclamar contra o jogo do boxe, acusando-o de ser um desporto brutal e três vezes digno de desprezo.

Três vezes! Imagine o leitor: Uma só vez não lhe bastava! Evidentemente, para impressionar a inteligência dos membros camarários, de quem dependia a licença, convinha apresentar a dose reforçada!

O jornalista Geo Harrison, do «News of the World», acudiu em defesa dos interesses de James e decidiu favoravelmente o pleito. Os seus argumentos foram breves, mas certos, e não resistiu à tentação de arquivar um deles, nestas colunas:

«Não sei quantos combates da boxe presenciou o venerando secretário das Free Churches até hoje. Eu, que vi muitos, acho o índice de brutalidade sensivelmente inferior ao grau do seu adversário «fair-play», que é muito elevado e educativo».

Argumento justo, num país onde o boxe — mesmo profissional — merece o prestígio de que goza.

R. B.

As «Ligas» em Espanha

O Valência na vanguarda do campeonato

Os resultados da última jornada do campeonato da Liga de Espanha foram os seguintes:

Sabadell..	5	—	Alcoyano...	2
Tarragona..	3	—	Oviedo....	0
Barcelona..	1	—	Valencia...	1
Celta.....	4	—	Espanhol..	0
R. Sociedad	3	—	A. Madrid..	1
Gijón.....	3	—	Sevilha...	1

Como se sabe, o Real Madrid ficou sem jogo, por ter defrontado o Benelenses, assim como o Atlético de Bilbao, que estava indicado para adversário dos madrilenos.

Alguns resultados são surpreendentes. O Valencia, actual campeão

e actual «leader», não se deixou derrotar em Barcelona e por isso mantém a superioridade de 1 ponto sobre o Sevilha, 2 sobre o seu último adversário e sobre o Celta, 4 sobre o Atlético de Madrid e 9 sobre o Real Madrid, que é penúltimo da classificação, apenas com mais 1 ponto sobre o último: — Alcoyano. É certo que ao Madrid faltam 2 jogos, mas o seu desafio com o Bilbao talvez lhe não dê a vitória, podendo neste caso considerar-se péssima a sua situação no torneio. Se o Real Sociedad, Ginjón, Espanhol e Oviedo, que o procedem, seguram as suas posições — o Real Madrid

DOIS BONS RESULTADOS

O F. C. do Porto, fora de sua casa mas ainda no Norte, bem apoiado por numeroso público, não se deixou derrotar. O Boavista, por sua vez, depois de ser vencido em Vila Real de Santo António, ganhou agora de modo expressivo, no seu campo do Bessa, ao Atlético de Lisboa.

Sobre o F. C. do Porto nada há a dizer. Com maior ou menor dificuldade, esperava-se a sua vitória. Quanto ao Boavista, aguardamos que nos habitue igualmente a ganhar, jogando contra grupos estranhos como contra os alcantarenses...

A POPULARIDADE

DO F. C. PORTO

O jogo em Braga, depois da vitória dos minhotos contra a Académica e do empate no campo dos Arcos, interessava bastante a gente do F. C. do Porto. Mas o passeio também. E durante toda a semana que precedeu o desafio, organizaram-se as mais variadas excursões. Pela estrada que liga o Porto com a cidade dos arcebispos passaram durante o dia de domingo automóveis e camionetas sem conta.

Não há dúvida alguma: o F. C. do Porto atravessa uma fase de grande popularidade, e bom será que os seus jogadores a não esqueçam, lutando o mais briosamente que é possível, dentro e fora do seu campo.

BANCADAS DESTRUIDAS

PELO TEMPORAL

O Salgueiros, das mais populares colectividades nortenhas, sofreu muitíssimo com os últimos temporais. A sua bancada foi pelos ares. O mesmo aconteceu ao Infesta, também popular em S. Mamede, aqui às portas do Porto.

Um e outro vivem com dificuldades. O Infesta, construiu as suas bancadas recentemente, com muito sacrifício, e sabemos que aguardava um auxílio das entidades superiores do desporto, — auxílio prometido há tempos. O sr. coronel Sacramento Monteiro teve há dias oportunidade de visitar o campo de jogos e de ver os estragos, e esperamos que possa fazer alguma coisa em benefício dos dois clubes do Porto.

Curiosidades...

Causou sensação o pedido de «vistoria» aos campos do Bessa e da Constituição.

❖ A direcção do F. C. do Porto tratou imediatamente de garantir os seus direitos, expondo as suas razões em Lisboa.

❖ Parece de facto mais acertado que o F. C. P., quando atingido por certas decisões — tome o primeiro comboio com rumo à Capital...

❖ Um seleccionador nacional de futebol esteve há dias no Porto. Ficou desolado com a recepção...

na capital do NORTE

A Constituição e o Bessa

são os campos

do F. C. do Porto e do Boavista!

NÃO compreendemos certas coisas. Certos excessos de zelo... Há problemas que nos merecem muita atenção, e a velha «questão» dos campos do Porto, bem alto o afirmamos, sem receio de qualquer desmentido, foi sempre peneirada por nós cuidadosamente, aqui na Revista *Stadium* ou fora dela. Sempre!

Nunca deixamos de lado, igualmente, os interesses do público, deste público são e dedicado, deste público que se sacrifica imenso, que nunca se cansa de lutar pela causa sagrada do Desporto. Reconhecemos-lhe o direito de protestar, de reagir. Mas... — o público compreende-nos, com certeza. Os desportistas do Porto sabem que outros interesses estão feridos, no actual momento, e por isso sorriram quando vieram a ouvir que determinada «ordem» impedia os campos do Bessa e da Constituição de funcionar sem o «visto» da Inspeção Geral dos Espectáculos.

Mas porquê? Porque o Bessa e a Constituição levam menos público? E' por certo uma questão de menos bilhetes na bilheteira. Número certo de pessoas que os campos consentem — e mais nada! Os clubes são prejudicados, sem dúvida alguma, mas enquanto cada um não tiver melhor, não se vê outra solução!

Pedir que a Inspeção Geral dos Espectáculos não passe «visto», revela egoísmo; revela mais do que isso: — uma falta de consideração pela obra dos clubes, sempre dedicados, vivendo uma época de sacrificios de toda a sorte, em luta permanente e ingrata contra as pessoas que mais obrigação tinham de os ajudar!

E' preciso ver o problema sem exageros. O Bessa e a Constituição não podem levar a mesma gente do Lima? Pois bem: — levem a gente que possam. Como qualquer teatro, estando em condições de segurança as pessoas, só o problema da lotação importa resolver. E não nos consta que tanto na Constituição como no Bessa, após estes cuidados do F. C. do Porto e do Boavista, fique o público em perigo.

Não podem assistir todos? Mas isso aconteceu já no Estádio Nacional! O F. C. P. e o Boavista não possuem outras instalações, de momento, e se elas revelam segurança, devem ser utilizadas sem peias, sem a pressão aborrecida que agora lhe pretendem impor. Que tenha paciência o Público. Que se sacrifique até que os seus clubes favoritos consigam campos dignos da sua categoria. E que trabalhem para isso, honestamente, quantos andam por cá e se dedicam a contrariar a acção dos melhores obreiros desta causa que é o desporto.

Estamos, neste caso, contra o público que paga? Que ideia! Nós estamos fartos de alinhar junto desse público. Fazemo-lo constantemente. O que não aceitamos, lá isso não, é a interferência de elementos que o não tem servido noutras emergências.

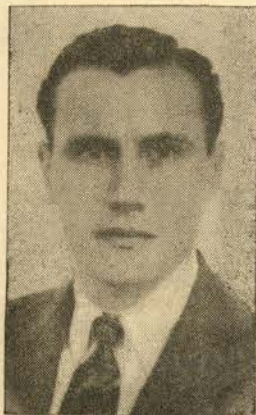
Precisam o F. C. do Porto e o Boavista de fixar a lotação dos seus campos? Isso sim. São os seus campos. Não querem ir jogar em terrenos alheios, e desde que estão seguros as suas bancadas e as medidas correspondem às do regulamento federativo, — a nada mais devem obedecer.

Lutaremos por instalações melhores. E' tão justo... No entanto, não podendo ser assim — que se respite ao menos a tarefa dos clubes a quem esta cidade muito deve.

Sabem os desportistas, evidentemente, com o que podem contar. Não se perturbaram com propostas soluções. Todavia, alguns elogios caíram sobre cabeças que julgaram, ou pensam julgar, um pouco à margem das necessidades actuais dos dois clubes da 1.ª Divisão, — e sempre é bom que cada um se defenda nobremente.

O espírito de justiça, felizmente, existe nas esferas superiores. E essas sabem que os campos da Constituição e do Bessa são pequenos; mas são do F. C. do Porto e do Boavista. Até que eles possam conseguir melhor e para isso trabalham!

Eladio Vascheto



O treinador Eladio Vascheto ganhou a simpatia dos portuenses. Trata-se de um desportista de qualidade, podendo mesmo afirmar-se que nenhum dos seus pupilos terá tido até hoje quem melhor compreenda os seus sentimentos e aspirações.

Eladio Vascheto é de facto um elemento que inspira simpatia ao primeiro contacto. Tendo sido «internacional» no seu país, a Argentina, demonstra no campo como se joga futebol.

Será possivelmente, o mais caro treinador dos clubes portugueses. No entanto, este técnico argentino é digno das tradições do F. C. Porto, que procurou sempre quem ensinasse bem.

COMO já informámos no último número da «*Stadium*», o F. C. P. deu o alarme da organização de um festival desportivo, no dia de Natal, afim de auxiliar as vítimas dos últimos naufrágios. Por coincidência, também um dos seus jogadores, Fragata Vicente, que já este ano alinhou no grupo de honra, no Estádio Nacional, perdeu um dos seus irmãos na dolorosa tragédia.

Depois da tentativa do F. C. do Porto, que expôs imediatamente os seus objectivos ao senhor Governador Civil, também outras entidades se reuniram, certamente com o propósito de acompanhar a iniciativa do campeão portuense e, por isso, deve aguardar-se apenas que o programa do Natal seja conhecido do público e possa o seu êxito corresponder aos desejos da louvável organização.

Os Vimaranenses

têm desculpa.



Fotos BARATA



Na primeira foto, Machado defende com muita oportunidade as redes vimaranenses. A seguir, à direita, Lourenço vê-se entre dois adversários. Ao centro, nova grande defesa de Machado. E à esquerda— o guarda-rede vimaranense evita Mota, defendendo com os punhos



ARCADIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Formidável êxito da
parelha de baile luso-espanhola

CARMEN VICENTE & RAFALEX

Do programa: CARMELITA DEL RIO — MARUJA HERRERO
JORGE CARDOSO com CHOVA y sus MUCHACHOS
ORQUESTRA ARCÁDIA com a vocalista Mary Valle

Abertura de 21 horas — 1.ª parte de Varietades de 24 e 25

O BELENENSES EM ESPANHA

- 1 — Os presidentes dos clubes trocam recordações, e os capitães galhardetes
- 2 — Jacinto Quincozes, à chegada a Madrid, troca impressões afectuosamente com Tavares da Silva

Stadium